



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL**

**SÉRGIO VILLARIM ALVES DA SILVA**

**SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DOS PRAZERES DOS MONTES GUARARAPES:**  
**(re)visitando um patrimônio cultural pernambucano**

**RECIFE - PE**

**2023**

SÉRGIO VILLARIM ALVES DA SILVA

SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DOS PRAZERES DOS MONTES GUARARAPES:  
(re)visitando um patrimônio cultural pernambucano

Relatório técnico e catálogo fotográfico apresentados ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional em História da Universidade Católica de Pernambuco - por Sérgio Villarim Alves da Silva como requisito parcial de desempenho para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Flavio José Gomes Cabral

RECIFE – PE

2023

S586s Silva, Sérgio Villarim Alves da  
Santuário Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes  
: (re)visitando um patrimônio cultural pernambucano / Sérgio  
Villarim Alves da Silva, 2023.  
79 f. : il.

Orientador: Flavio José Gomes Cabral.  
Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica  
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.  
Mestrado Profissional em História, 2023.

1. Santuário Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes  
Guararapes - História. 2. Pernambuco - História.
3. Patrimônio cultural. I. Título.

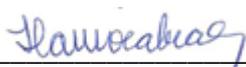
CDU 981.34

Pollyanna Alves - CRB4/1002

SÉRGIO VILLARIM ALVES DA SILVA

SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DOS PRAZERES DOS MONTES GUARARAPES:  
(re)visitando um patrimônio cultural pernambucano

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Flavio José Gomes Cabral -UNICAP  
Orientador



---

Prof. Dr. Bruno Augusto Dornelas Câmara – UPE  
(Avaliador externo)



---

Prof. Dra. Maria do Rosário da Silva – UNICAP  
(Avaliadora interna)

Recife, 31 de março de 2023.

Aos meus familiares que sempre me incentivaram e me mostraram que a conquista é para aqueles que nunca desistem de seus sonhos, mesmo com os obstáculos que aparecem no caminho, pois aqueles que têm Deus como seu guia, serão sempre vitoriosos.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar ao meu Deus, por ter me dado a oportunidade de concluir o tão sonhado Mestrado em Profissional em História.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Flavio José Gomes Cabral, pela competência e paciência com a condução deste trabalho de conclusão de curso. A Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva e ao Prof. Dr. Bruno Augusto Dornelas Câmara, pela leitura atenta do material e pelas preciosas observações feitas durante o exame de qualificação.

Aos demais docentes da Unicap, funcionárias e funcionários do administrativo e aos meus companheiros e companheiras da 4a turma do mestrado.

A minha mãe e ao meu pai, Maria Eulalia (Dona Lalita – *in memoriam*) e José Alves, como grandes incentivadores na vida pessoal e profissional.

Ao meu irmão Antônio Villarim, principal incentivador ao ingresso no mestrado, por todo apoio ao meu aprendizado técnico-científico e ao amigo Braz Pereira que me auxiliou com técnicas e ideias de pesquisas.

A minha cunhada, Cássia e aos meus sobrinhos: Antônio Felipe, Ariadne, Gustavo e Naiara.

A minha grande amiga Laodiceia Bento e família.

A minha amiga Merysuzi, pela contribuição na minha pesquisa de campo.

Ao meu amigo Jilvan Santos, representante do Santuário de Nossa Senhora dos Prazeres, que viabilizou a minha pesquisa de campo.

Ao meu amigo Cláudio, pelo apoio e incentivo a minha pesquisa.

[...] a escrita da História é um processo complexo e rigoroso, que articula passado presente e futuro. Contrariamente ao que se supõe o senso comum, o passado não está morto e acabado, uma vez que o presente, com suas preocupações e desafios sempre novos, convida a reler e ressignificar o que se perdeu na poeira do tempo (Tânia Regina de Luca, *In: Práticas de pesquisa em história*).

## **RESUMO**

Este relatório traz reflexões em torno do Santuário Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes, localizado em Jaboatão dos Guararapes - PE. Erigido inicialmente como capela votiva no ano de 1656– como agradecimento à dita mediação da Senhora dos Prazeres em vitórias de tropas luso-brasileiras frente aos holandeses, que entre 1630 a 1654, impuseram dominação no Brasil Oriental, atualmente Região Nordeste – recebeu entre os séculos XVII e XVIII importantes ampliações que somadas a reformas o configuram atualmente como Monumento Nacional. Afora as questões meramente monumentais, destacamos que o supracitado Santuário é um patrimônio cultural pernambucano, logo, fez-se necessário investigarmos os episódios ocorridos no contexto de seu concebimento, assim, nos valemos de autores como Evaldo Cabral de Mello, Antônio Gonsalves de Mello e Ronaldo Vainfas. Como subsidiários aos entendimentos de aspectos arquitetônicos e culturais, contamos com a colaboração de autores e autoras como José Luiz da Mota Menezes, Pedro Paulo Funari e Lia Calabre. Por fim elaboramos um catálogo fotográfico em formato digital, como instrumento de divulgação do Santuário, voltado principalmente para visitantes, mas que também pode ser utilizado por alunos, pesquisadores e demais interessados.

**Palavras-chave:** Capela votiva, História de Pernambuco, Santuário de Guararapes, Patrimônio Cultural.

## **ABSTRACT**

This report reflects on the Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes Sanctuary, located in Jaboatão dos Guararapes - PE. Initially erected as a votive chapel in 1656 – as a thank you to the said mediation of Senhora dos Prazeres in the victories of Luso-Brazilian troops against the Dutch, who between 1630 and 1654, imposed domination in Eastern Brazil, currently the Northeast Region – received between centuries Important expansions in the 17th and 18th century combined with renovations make it currently a National Monument. Aside from the merely monumental issues, we emphasize that the aforementioned Sanctuary is a Pernambuco cultural heritage, therefore, it was necessary to investigate the episodes that occurred in the context of its conception, thus, we make use of authors such as Evaldo Cabral de Mello, Antônio Gonsalves de Mello and Ronaldo Vainfas. As subsidies to understanding architectural and cultural aspects, we have the collaboration of authors such as José Luiz da Mota Menezes, Pedro Paulo Funari and Lia Calabre. Finally, we prepared a photographic

catalog in digital format, as a way of publicizing the Sanctuary, mainly for visitors, but which can also be used by students, researchers and other interested parties.

**Keywords:** Votive Capella, History of Pernambuco, Sanctuary of Guararapes, Cultural Heritage.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes

Figura 2 - Localização geográfica do Santuário

Figura 3- Vista aérea do PHNG / Santuário

Figura 4- Virgem Maria de Portugal

Figura 5- Evolução construtiva do Santuário

Figura 6- Planta Baixa do Santuário

Figura 7- Cruzeiro e entrada principal

Figura 8- Frontispício

Figura 9- Altar da capela-mor: Jesus Crucificado, N. Senhora dos Prazeres e Santa Ana

Figura 10- Jesus Crucificado da Capela-mor

Figura 11- Nossa Senhora dos Prazeres da Capela-mor

Figura 12- Santa Ana da Capela-mor

Figura 13- Arco do Cruzeiro

Figura 14- Paredes Colaterais

Figura 15- Forro e abóboda

Figura 16- Placa em homenagem Barreto de Menezes

Figura 17- Mesa do altar

Figura 18- Retábulo-mor

Figura 19- Visão geral da nave

Figura 20- Forro de madeira do teto da nave, com iluminação embutida

Figura 21- Pintura do forro

Figura 22- Pia de água benta

Figura 23- Azulejos

Figura 24- Seteiras

Figura 25- Púlpito

Figura 26- Vista interna dos fundos da igreja com o coro ao fundo

Figura 27- Sacristia

Figura 28- Arcazes

Figura 29 - Altar da Sacristia

Figura 30- Santa Escolástica

Figura 31- São Bento

Figura 32- Painel sobre a visita dos Reis Magos

Figura 33 - Painel sobre o nascimento de Jesus

Figura 34- Painel sobre a circuncisão de Jesus

Figura 35- Painel sobre o banho do menino Jesus

Figura 36- Sepulturas

Figura 37- Placa do Exército

Figura 38- Vestígio histórico

Figura 39- Capa (miniatura / catálogo)

Figura 40- Folha de rosto (miniatura / catálogo)

Figura 41- Notas iniciais (miniatura / catálogo)

Figura 42- Área externa (miniatura / catálogo)

Figura 43 Nave (miniatura / catálogo)

Figura 44- Azulejos (miniatura / catálogo)

Figura 45- Corredor (miniatura / catálogo)

Figura 46- Glossário (miniatura / catálogo)

Figura 47- Link para vídeo (miniatura / catálogo)

Figura 48 – Folder (miniatura / catálogo)

Figura 49- Batalha dos Guararapes

Figura 50- Devoto

Figura 51- Retrato de Francisco Barreto

Figura 52- Livro de Tombo do SPHAN

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CONDEPE / FIDEM - Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPHAN-PE - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-Pernambuco

OSB – Ordem de São Bento

PE - Pernambuco

PHNG - Parque Histórico Nacional dos Guararapes

SPMG - Santuário Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes

UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco

VOC – Companhia das Índias Orientais

WIC – Companhia das Índias Ocidentais

## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 - DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA .....</b>	<b>15</b>
<i>2.1 - Localização do Santuário: panorama histórico e geográfico .....</i>	<i>16</i>
<i>2.2 - O domínio holandês no norte do Brasil e a Restauração Pernambucana.</i>	<i>20</i>
<i>2.2.1 De terra do açúcar a Zuckerland .....</i>	<i>22</i>
<i>2.2.2 Fim da União Ibérica e despedida de Nassau.....</i>	<i>23</i>
<i>2.2.3 A Restauração Pernambucana.....</i>	<i>24</i>
<i>2.3. - De Capela a monumento: construção, reformas e aspectos culturais.....</i>	<i>27</i>
<i>2.3.1 -Construção, reformas (breve apanhado) .....</i>	<i>29</i>
<i>2.3.2 - O Santuário na atualidade .....</i>	<i>30</i>
<b>3 - DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO .....</b>	<b>58</b>
<b>4 - APRESENTAÇÃO E APLICAÇÃO DO PRODUTO .....</b>	<b>59</b>
<b>5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>64</b>
<b>6 - ACERVOS.....</b>	<b>65</b>
<b>7 - REFERÊNCIAS .....</b>	<b>65</b>
<b>8- APÊNDICE.....</b>	<b>70</b>

## 1 -INTRODUÇÃO

A história não diz respeito ao homem em seu íntimo nem confunde o sentimento que tem de si próprio. Por que então ele se interessa pelo passado? Não é porque ele mesmo seja histórico, pois a natureza não o interessa menos; esse interesse tem duas razões. Primeiramente, nossa dependência de um grupo nacional, social, familiar [...] pode fazer com que o passado desse grupo tenha um atrativo para nós, a segunda razão é a curiosidade, seja anedótica seja acompanhada de uma exigência de inteligibilidade (Paul Veyne, *In: Como se escreve a história*)

A Capitania, e posterior província de Pernambuco, é rica em episódios dignos de registros históricos, aqui destacamos o período colonial, época de revoluções, insurgências e da chamada “Restauração Pernambucana”, quando a Coroa portuguesa, com auxílio de luso-brasileiros conseguiu pôr fim ao período de 24 anos de dominação holandesa (1630-1654). A capitulação de inimigo batavo foi em época, atribuída não só aos esforços hercúleos dos homens, mas por “clemência divina”, uma vez que, os holandeses, em maioria, tinham práticas religiosas dissonantes do catolicismo ibérico.

Segundo um dos combatentes, general Francisco Barreto de Menezes, Nossa Senhora dos Prazeres teria amparado com seu manto os combatentes católicos nas Batalhas nos Montes Guararapes, levando-os ao triunfo. Em contrapartida, seria erguida uma capela votiva para ela; capela que ao longo do tempo foi reformada, se tornou igreja e hoje é santuário e foco de nossa pesquisa.

Conforme a arquidiocese de Olinda e Recife (2022) “santuário”, no sentido religioso, é um lugar sagrado que atrai romarias e devotos peregrinos de diversas regiões, compondo sinais visíveis de graças obtidas. No caso específico do Santuário Nossa Senhora dos Prazeres (Jaboatão dos Guararapes), além da peregrinação pela crença de que a Senhora que auxiliara na derrocada neerlandesa pode ajudar na obtenção de graças aos devotos de gerações futuras, há o aspecto da visitação pelo atrativo turístico.

Localizado dentro do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, o Santuário possui, além dos referidos atrativos por situar-se em área que foi palco dos episódios da Restauração, um manancial, em seu interior, de obras de artes barrocas dos séculos XVII e XVIII, além de acolher os restos mortais de Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira, vistos por muitos como heróis há séculos -ressaltemos que no ano de 2012 passaram a ter seus nomes inscritos no livro dos heróis e heroínas da pátria, no Panteão da Pátria e da liberdade Tancredo Neves.

Por falar em sentimento de nacionalidade, tão evocado no ano de 2022 seja para reafirmá-lo, seja para rechaçá-lo, destacando as comemorações oficiais pelos duzentos anos da independência política do Brasil frente a Portugal, recentemente me veio à lembrança o tão longe e ao mesmo tempo tão perto ano de 1972, quando no Brasil governado por militares tinha um clima de exacerbado ufanismo pela ditadura vigente. Nas manchetes de jornais e revistas, as quais eu afortunadamente tive acesso desde criança, podia-se ler o quanto os episódios de Guararapes eram valorizados. Até em rádios AM era comum se escutar uma canção chamada “*Onde o Brasil aprendeu a liberdade*”, de autoria do sambista carioca Martinho da Vila, que trata da popularização em forma de espetáculo – a Festa da Pitomba - reconstituindo a “união heroica” de forças da terra em prol da “liberdade”.

Naquele tempo um adolescente contestar a liberdade e tradições “patrióticas” era algo até paradoxal. Eu apenas admirava o Santuário e seu entorno, principalmente quando em 1976, em pleno governo do General Ernesto Geisel, desfilei na semana da pátria pela banda marcial da Escola Ascenso Ferreira — também localizada no município de Jaboatão – no sítio histórico de Guararapes. Como que coroando as aulas de História, Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira (OSP), passei o desfile entre a tensão de não errar a marcha e o encantamento por aquele local “sagrado”.

Passada mais de uma década, o país já em fase de redemocratização, eu graduado em Geografia, fui dar aulas na Escola Estadual Alto dos Guararapes. Como citado na epígrafe a fala de Paul Veyne, por uma questão de “exigência de inteligibilidade fui pesquisar temas que envolviam a história e a geografia do lugar, visto que a escola era situada na Rua Barreto de Menezes, no bairro de Prazeres. Reavivei a memória, e procurando em livros como o *Terra Pernambucana* (1981) do memorialista Mário Sette, percebi que a rua era homônima do general que ordenou erigir a Capela em ação de graças à Senhora dos Prazeres – e esta emprestava o nome ao bairro.

Na convivência com a comunidade escolar, fiz algumas visitas ao Parque dos Guararapes e ao Santuário, percebendo a importância que o imaginário popular exercia sobre os habitantes. Quase sempre me referia apenas de forma sutil sobre os episódios ocorridos ali no século XVII, visto que minha função era mais expor a parte positiva do local: clima, vegetação, composição do solo, além da preocupação em manter o alunado coeso a fim de descartar possibilidades de acidentes ou inconvenientes.

Contudo o tema da Restauração pernambucana estava latente em mim. Já professor veterano, com mais de três décadas de magistério em Geografia, decidi sair da minha zona de

conforto, e fui buscar me aprofundar na História. Sendo aprovado no mestrado profissional da Unicap, em princípio, pensei em falar do processo de industrialização ocorrido em Jaboatão, contudo, em contato com meu orientador, o Prof. Dr. Flavio Cabral, foi-me sugerido que explorasse a potencial histórico do Monte dos Guararapes, com atenção para o Santuário.

A proposta feita pelo meu orientador foi vista com entusiasmo por mim, e como a minha formação em geografia faz parte do que sou, me programei para ir fazer visitas de campo. De início, devido à pandemia do novo coronavírus, o Santuário estava com portas cerradas. Apesar da falta de pessoas no sítio histórico, que configurava um tom de sobreaviso pelo aspecto “desértico”, fiz algumas visitas para averiguação e para contemplação da parte externa da igreja.

Nesse ínterim, já com o entendimento das leituras das disciplinas cursadas no mestrado, pude perceber, por exemplo, alguns sinais, como no paradigma indiciário do historiador Carlo Ginzburg: o templo tinha sido construído com parte de pedras costeiras visto a presença de conchas encrustadas nele. E mesmo com as limitações pandêmicas, fui registrando em fotografia e em vídeo as facetas da igreja, do cruzeiro, enfim do território.

Por intermédio da amiga Laudiceia Bento, estabeleci contato com a secretaria do santuário e pude então, com todos os protocolos sanitários iniciar visitas internas. Destaco que em muito me ajudou o Sr. Jilvan Santos, uma espécie de “guardião do templo”, responsável pelo zelo da edificação e dos seus bens móveis, que com o aval de Dom Marcos Ferreira do Carmo, OSB, Reitor do Santuário, abriu-me por várias vezes as portas para que eu realizasse as pesquisas.

Nessa segunda etapa a “contemplação” interna foi logo substituída pelo esforço de conhecer cada recanto do templo. Concomitantemente, pelo Santuário ser considerado Monumento Nacional, fiz visitas ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Pernambuco (IPHAN -PE), visando obter maiores informações via inventários. Essas visitas me renderam a percepção da importância de uma chancela patrimonial para a preservação do ambiente, outra latência. Em relação à busca de material escrito, fiz visitas à Biblioteca Pública do Estado (Coleção Pernambucanas), e a Biblioteca Central da Unicap (Coleção de Obras Raras).

Após a pesquisa de campo, me dediquei à de gabinete, redigi a primeira versão do meu trabalho visando elaborar uma cartilha para alunos do 9º ano do ensino fundamental. Na avaliação, a banca composta pelo meu orientador, pela Profa. Dra. Maria do Rosário e pelo Prof. Dr. Bruno Câmara, me foi indicado tomar um novo direcionamento: ampliar os horizontes

e o público-alvo. Logo passaríamos a pensar em um catálogo que possibilitasse aos visitantes, sejam eles, alunos, professores, pesquisadores, turistas, terem uma dimensão imagética do santuário.

Outra coisa muito relevante que nos foi dita, e aceita, durante a qualificação, é que a narrativa histórica é mutável, conceitos como patrimônio histórico, artístico e eclesiástico, por exemplo, passaram a ser considerados por nós como unificados em torno do patrimônio cultural. E que foi possível, com respeito à simbologia criada em Guararapes, nos apropriarmos de outras narrativas como as dos historiadores Evaldo Cabral de Mello, Antônio Gonsalves de Mello e Ronaldo Vainfas, que elucidam o que não precisamos nos fixar na dicotomia do herói / inimigo, tampouco na querela de bom ou / mau colonizador. Há necessidade de análise e reflexões — principalmente em provocar, através dos nossos escritos, reflexões nos leitores.

Com a consciência tranquila de que a história possui muitas facetas, e de que não existe verdade absoluta, procuramos desenvolver a discussão teórico-metodológica de nosso relatório técnico a partir de três eixos: *Localização do Santuário: panorama histórico e geográfico; O domínio holandês no norte do Brasil e a “Restauração Pernambucana” e De Capela a monumento: construção, reformas e aspectos culturais.*

## **2- DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA**

Durante o percurso da pesquisa, fomos nos inteirando que tínhamos uma fonte principal, além de documentos diversos, que ao serem interpretados contribuíssem para um melhor esclarecimento dos componentes estudados. Note-se que entendemos como fonte histórica tudo aquilo produzido pela humanidade no tempo e no espaço incluindo a herança material e imaterial dos antepassados. Logo, nossa fonte principal, o Santuário Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes, sinaliza para uma rica herança histórica que chegou até o tempo presente por caminhos nem sempre claros, mas passíveis de investigação.

Para darmos início à investigação, lemos atentamente a proposta de Michel de Certeau (2002, p. 65 -85) sobre a *operação historiográfica*, ou o fazer histórico, que compreende uma combinação de um *lugar social*, *práticas “científicas”* e de *uma escrita*. Quanto às práticas, vistas como procedimentos de análise e a narrativa, entendidas como escrita que se constrói obedecendo às regras da própria história, não tivemos espantos; mas nos preocupamos quanto ao lugar social, visto nossa formação principal ser em geografia. Contudo, a preocupação foi sendo dissipada, quando me deparei com uma ponderação feita por José D’Assunção Barros:

A história (os processos históricos) - ou mesmo "ser historiador" não é, enfim, uma questão que concerne apenas e exclusivamente aos historiadores de formação. Trabalhar historiograficamente, ainda que seja esse o ofício mais direto dos historiadores profissionais, não pode ser interdito a profissionais das diversas áreas de estudo que almejem desenvolver uma leitura histórica dos seus campos específicos de saber. (BARROS, 2019, p. 9)

Entendendo que poderia aliar geografia em parceria com a história, procurei vincular espaço e tempo, fazendo uso da cartografia para situarmos e decodificarmos nuances de nossa fonte, junto ao Atlântico, no litoral oriental do Brasil, e como diria Manuel Correia de Andrade (1998, p. 60-75) onde a economia açucareira ancorada na trilogia latifúndio, monocultura e escravidão, gerou uma triangulação entre a América portuguesa, Europa e África, onde negócios e guerras eram imbricados. Como veremos a seguir:

## **2.1- Localização do Santuário: panorama histórico e geográfico**

Conforme dados publicados no portal da prefeitura (2022), o nome da cidade é originário da palavra indígena Yapoatan, que faz referência a uma árvore comum na região. A partir de 1989, passou a ser chamada de Jaboatão dos Guararapes, em homenagem ao local das históricas batalhas nos Montes Guararapes. Acreditamos que esse acréscimo ao nome Jaboatão, além de questões típicas como arrecadação de impostos municipais, tenha se inserido em um contexto de continuidades que remonta 1938, com o reconhecimento da Igreja como monumento nacional — e mais adiante com o marco de 1971, que transformou a área circunscrita ao teatro de operações bélicas nos seiscentos, como Parque Histórico Nacional dos Guararapes (PHNG) e a busca pelo Estado em elaborar o Plano Diretor do PHNG nos anos 1980.<sup>1</sup>

Convém abriremos um parêntesis para situarmos o período entre 1938 e 1989, quando o país em dois momentos viu-se diante de regimes ditatoriais: Estado Novo (1937-1945) e o Regime Civil-militar (1964-1984), segundo Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling (2015, p. 374-466) ambas com um intuito de enaltecer eventos que dessem a impressão da forja da nacionalidade brasileira, seja inspirada no fascismo europeu, seja como arremedo de um nacionalismo norte-americano, ao qual os dirigentes brasileiros eram submissos.

---

<sup>1</sup> Para mais informações sobre os aspectos jurídicos que cancelaram a desapropriação da área, construção do PHNG e sua preservação, vide Araújo, 2019, p. 47- 48.

Na figura 1, temos um indício da atuação da ditadura civil-militar brasileira, durante a inauguração do PHNG em maio de 1971: o Presidente Garrastazu Médici e o governador de Pernambuco, Eraldo Gueiros, entre canhões e uma faixa verde-amarela, não apenas reforçando batalhas de outrora, mas apontando para o presente - uma pátria armada para com os que discordassem do sistema vigente.

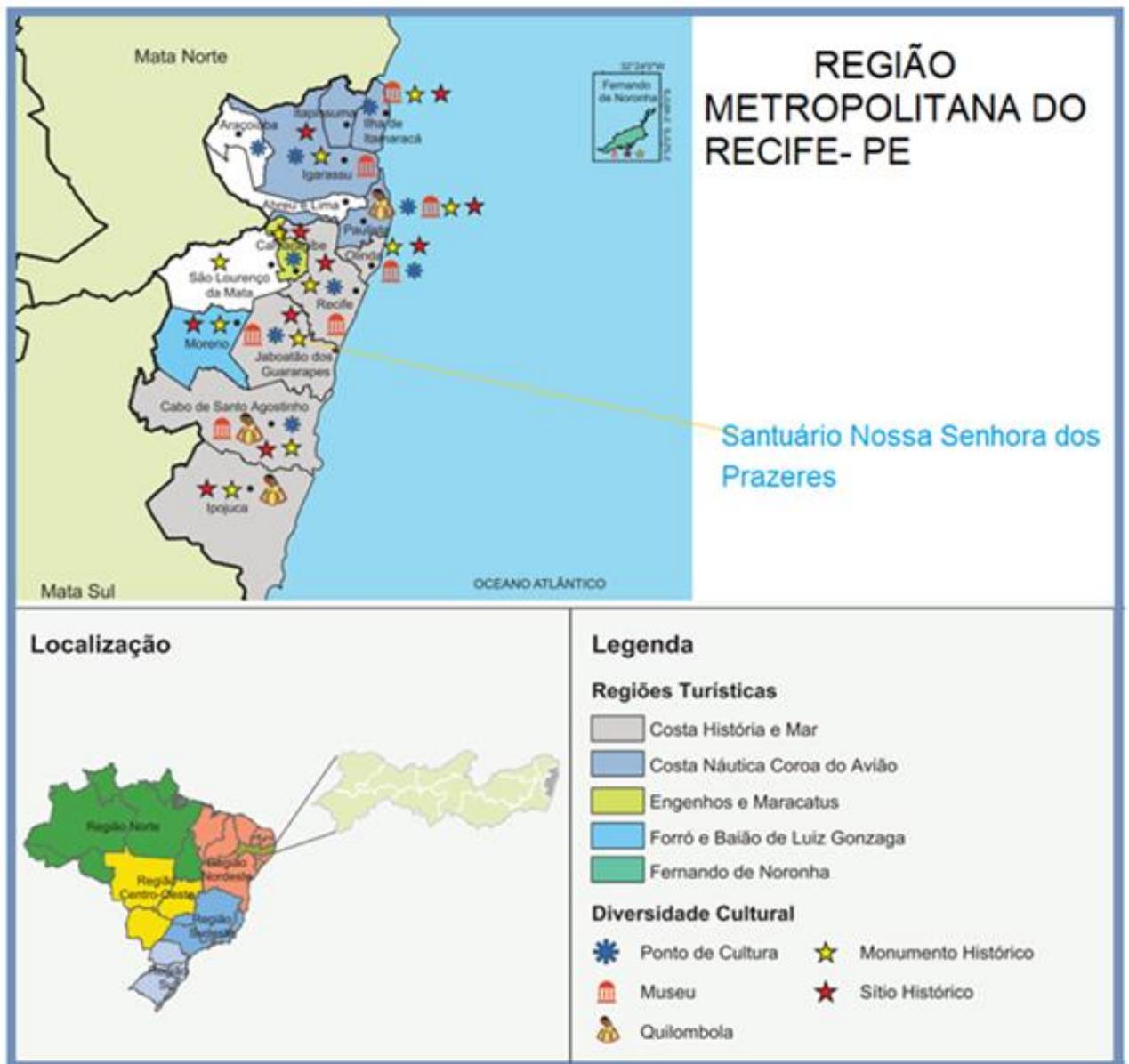
Figura 1 – Inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, 1971



Fonte: O Cruzeiro, 19/05/1971, p. 116.

Retomando aos aspectos da paisagem, o PHNG, é fincado nos Montes Guararapes, isto é, um conjunto de três elevações, separadas por grotões estreitos. A primeira elevação está situada ao norte e denomina-se Morro do Telégrafo; a segunda, Morro do Oitizeiro, situa-se na direção leste e a terceira, ao sul é denominada Outeiro dos Guararapes, composta por duas elevações gêmeas em forma de ferradura - em uma delas está o Santuário. (PREFEITURA DE JABOATÃO DOS GUARARAPES, 2022, [s.p.]).

Figura 2 – Localização geográfica do Santuário



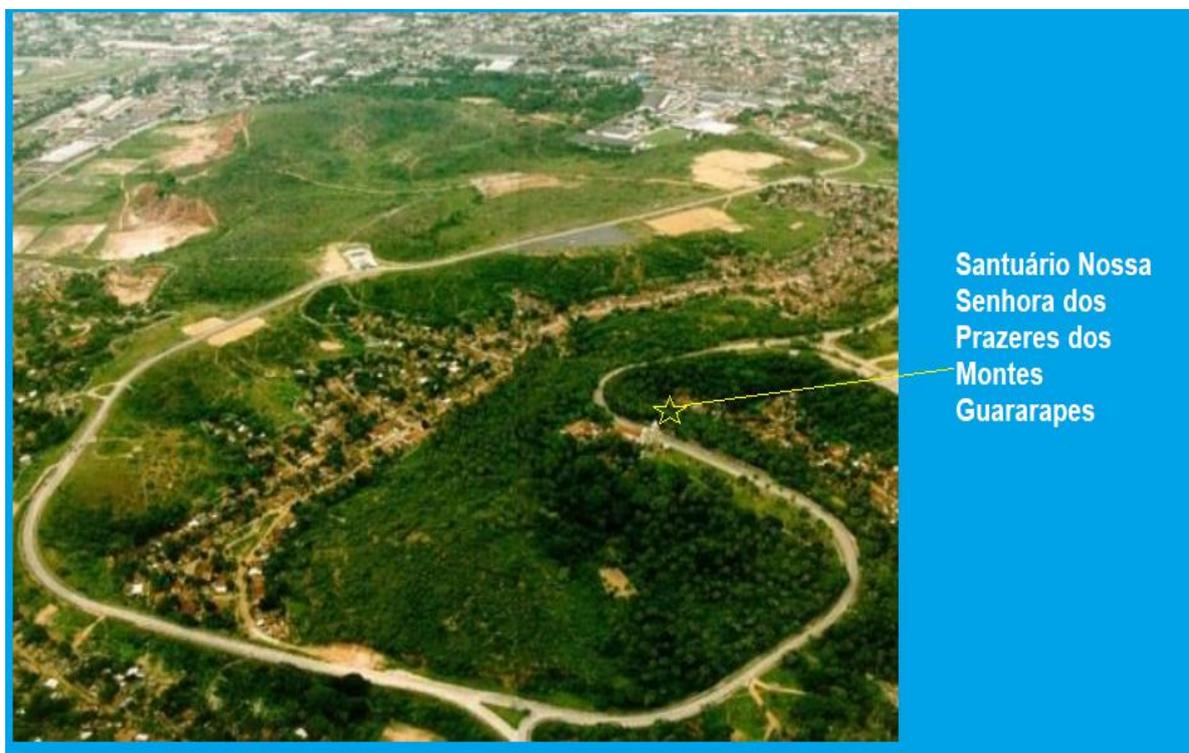
Fonte: Adaptado de CONDEPE/FIDEM, 2011, p. 66.

Na figura 2, podemos perceber que o Santuário, situado em Jaboatão dos Guararapes, distante cerca de 14 km do centro do Recife, é simbolizado por uma estrela amarela, indicativo de monumento nacional entre os atrativos de diversidade turística da costa histórica e mar pernambucano. Interessante notarmos que as descrições atuais da área, têm bastante equivalência com as narradas no século XIX, ainda que de maneira romanceada, pelo escritor Bernardino Abreu e Castro:

*Três léguas ao sul do Recife, no meio de duas planícies, prolongam-se de nascente a poente a serra dos Guararapes-propugnáculo da natureza, cujo aspecto eleva o homem, do qual o pensamento excede tanto as alturas do globo, quanto a sua alma as maravilhas da criação. Esta Serra, da qual o nome indígena significa na linguagem portuguesa som agudo, em razão do fragor que as águas das enxurradas fazem por entre suas cavidades, um quarto de légua. antes do Atlântico estaca, como que receosa d'este altivo gigante, que lhe fica em frente. E é pouco antes dela acabar, que majestoso se ostenta em uma de suas colinas o magnífico Templo dos Guararapes, dedicado à Mãe dos homens, sob a invocação dos Prazeres. (CASTRO, 1980, p. 66, grifo nosso).*

Segundo José Antônio Gonsalves de Mello (1980, p. 4), o trecho corresponde ao primeiro romance pernambucano, intitulado “Nossa Senhora dos Guararapes”, tem grande importância não só pela sua primazia, mas também pelo seu caráter descritivo, pelos elementos que transmite acerca da terra, da sua gente, dos seus costumes e seus monumentos. Em especial a Igreja homônima ao título com romeiros à sua porta. Sem adentrar em grandes querelas, podemos perceber que o romance, datado de 1847, teve sua segunda edição (fac-similar), publicada pela prefeitura do Recife, em época que o PHNG se consolidava.

Figura 3 – Vista aérea do PHNG / Santuário



Fonte: Adaptado de IPHAN, 2005.

Dialogando com a cartografia e com as descrições supracitadas, temos a figura 3, fotografia registrada no século XXI, contendo uma com visão panorâmica para o Parque Histórico Nacional dos Guararapes, com destaque para o Santuário, atualmente apenas acessado

por uma estrada calçada. A estrela amarela sobreposta à fotografia, visa sinalizar o monumento nacional.

## **2.2- O domínio holandês no norte do Brasil e a “Restauração Pernambucana”**

Por via marítima, nos fins do século XV, a Europa toma conhecimento do “Novo Mundo”. Com o passar das décadas, a Coroa portuguesa apossou-se das terras do que viria a ser chamado Brasil, e já, no século XVI, empreendeu um tipo de colonização, inicialmente sustentada pelo açúcar, conforme aponta Antonio Paulo Rezende:

A grande riqueza que garantiria, inicialmente, os primeiros sucessos da colonização portuguesa foi a cana-de-açúcar e a capitania de Pernambuco, o lugar mais fecundo para sua produção. Fundaram-se engenhos com a ajuda, inclusive, de capitais holandeses. Uma doce riqueza, uma estrutura de produção sustentada na amargura do trabalho escravo, marca de uma sociedade que montou uma rígida hierarquia social. (REZENDE, 2005, p. 22)

Verificamos que as palavras de Rezende se coadunam com as de Nelson Werneck Sodré (2002, p. 76), visto que este traça um perfil do açúcar como gênero adequado para a primeira etapa da colonização, pois: era adequado às condições ecológicas da área americana; era objeto de consumo no mercado europeu; estava incorporado à experiência portuguesa de produção e de comércio, além de facilitar a solução do problema do alargamento do mercado consumidor.

Em relação à ativa participação dos holandeses para o êxito da colonização do Brasil, Celso Furtado (1991, p. 10-11) argumenta que tal participação foi fundamental uma vez que os holandeses eram especializados no comércio intraeuropeu, grande parte do qual financiavam, ademais, nessa época, o único povo que dispunha de suficiente organização comercial para criar um mercado de grandes dimensões para um produto como o açúcar era o holandês.

Enfim, parte substancial dos recursos requeridos pela empresa açucareira foram subsidiados pelos capitalistas holandeses que, além de financiar a refinação e comercialização do produto, investiram nas instalações produtivas no Brasil, bem como na importação da mão de obra escrava<sup>2</sup>. Assim, além do ganho no comércio do açúcar, agiam como usurários, cobrando juros elevados na venda de escravizados aos senhores de engenho.

Sobre os senhores de engenho, elucida-nos Darcy Ribeiro (1995, 284 -293) que a Coroa portuguesa, ao instituir e organizar a colonização no Brasil, concedeu terras, privilégios e títulos

---

2 Para mais informações vide: Alencastro, 2000.

honoríficos, dando-lhes um poder hegemônico na ordenação da vida colonial. Assim, o poder do senhor de engenho, dentro do seu domínio, se estendia à sociedade inteira. Nesse sentido, constituía uma oligarquia forte, e que apesar de dialogar com o patriciado governamental e com os financiadores, não cediam lugar para antagonismos, até mesmo porque alguns de seus pleitos eram menos relevantes que suas complementaridades.

Percebemos que a parceria entre as cúpulas luso-brasileira e neerlandesa, aparadas algumas arestas, geravam bons retornos a ambas. A Coroa portuguesa, do ponto de vista das relações externas, se mantinha de forma pragmática, procurando estabelecer acordos diplomáticos com grandes potências europeias, até que em 1580 se deparou com uma crise sucessória: o rei de Portugal, Cardeal D. Henrique conhecido como “O Casto”, morreu sem deixar descendentes. Com a vacância do trono iniciou-se uma disputa que envolveu diversos atores, destaque-se a vitória de Filipe II de Espanha —filho de Carlos V, imperador da Alemanha, e da imperatriz D. Isabel, filha do rei D. Manuel, de Portugal – pondo fim a dinastia de Avis e dando início a dinastia Filipina.

Assim, as monarquias espanhola e portuguesa, bem como, as respectivas possessões coloniais, ficariam sob controle da Casa Real espanhola, o que configuraria a União Ibérica (1580 -1640). Logo, Portugal não só permaneceu sob o domínio espanhol como “adquiriu” os inimigos desse reino, entre eles, os holandeses. A propósito, “[...] havia pouco tempo que a nação holandesa se tornara independente; antes, pertencia ao império dos Habsburgo que reinava na Espanha. Como esta última se recusava a reconhecer o novo país, as duas nações encontravam-se em litígio.” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 58).

De aliada de Portugal, a Holanda passaria a contendora, e nesse contexto, impedida formalmente de permanecer à frente dos negócios do açúcar, decidiu invadir a lucrativa possessão portuguesa situada no Nordeste do Brasil, visto tanto a fazer valer seus investimentos, quanto em prol de sua própria expansão territorial. Contudo, essa empreitada não foi realizada com sucesso de maneira imediata. Entrementes, ganharam robustez criando duas companhias de comércio como afirma Ronaldo Vainfas:

No início do século XVII, Amsterdã despontava como o principal centro comercial e financeiro da Europa. Além de navegar no Mar do Norte e no Báltico como distribuidores de produtos variados, inclusive o açúcar, desde 1602, os mercadores holandeses atuavam no Oceano Índico, através da Companhia das Índias Orientais - a *Vereenigde Oost-Indische Compagnie* (VOC) — conquistando praças importantes do combalido império português no Oriente. Não tardariam a se expandir no Atlântico, após a criação da Companhia das Índias Ocidentais - a *West Indische Compagnie* (WIC), em 1621. (VAINFAS, 2010, p. 21).

Sobre a Companhia das Índias ocidentais, José Antônio Gonsalves de Mello (1999, p. 42-43) explana que se tratou de uma sociedade por ações, cuja Holanda concedia-lhe o monopólio do comércio, da navegação e da conquista em vastíssima extensão do Atlântico, tanto da parte americana quanto africana. Logo, foi responsável pelos ataques a Bahia, que levou um rápido revés, e posteriormente com um plano mais bem traçado e com um grosso capital auferido, dentre outras coisas de atividade corsária, começou a tomada de Pernambuco.

### 2.2.1 - De terra do açúcar a *Zuckerland*

Dezenas de navios com milhares de homens desembarcaram na praia de Pau Amarelo, em princípios de 1630, dando início a invasão holandesa em Pernambuco, feita com uma preparação segura; a WIC mantinha contatos com habitantes de Pernambuco, sobretudo, judeus que passavam informações detalhadas sobre as várias áreas, ou seja, a respeito da capacidade de produção, do estado das fortificações e dos efetivos militares. Além disso, os flamengos, em suas viagens comerciais ao Brasil, levaram para a Holanda alguns indígenas para doutriná-los e conseguir reforços de outros do interior das aldeias. (ANDRADE, 1995, v. 2, p. 4).

Corroborando com as palavras de Andrade, Ribeiro (1995, p. 293-295) e com as de Rezende (2005, p. 34-35) que nos informam que o bom planejamento dos holandeses lhes resguardou de surpresas consideráveis. Inicialmente, as tropas holandesas eram de grande força militar e em poucos dias conquistaram Olinda e Recife. Os habitantes fugiam e o governador da capitania de Pernambuco, Matias de Albuquerque, não teve meios para enfrentar os holandeses. Procurou estabelecer a tática de guerrilhas e conseguiu inibir, em parte, o avanço das tropas inimigas.

Sobre a guerra no Nordeste, Evaldo Cabral de Mello (1999, p. 24 -41) a divide em três fases: a da conquista (1630-1637) da administração (1637 -1642) e da *insurreição* (1642-1654) – sendo destaque neste relatório. Sobre a fase da conquista, vale ressaltar que Olinda foi ocupada com facilidade, mas só destruída em 1631. O Recife tornou-se o centro de referência para as manobras comerciais e militares dos holandeses. Depois de contendas como as do Arraial do Bom Jesus, a partir de 1635, os flamengos se apossaram de Itamaracá, Paraíba e Rio Grande do Norte. Enfim, a nova metrópole colonial impôs tranquilamente seu domínio por anos, sem que os senhores de engenho lhe opusessem grande resistência.

Para evitar reforçar as defesas dos domínios e gerenciar medidas que dificultassem os lucros da WIC, como o incêndio de canaviais, por luso-brasileiros derrotados, contratou-se um exímio administrador: o Conde Maurício de Nassau. De origem alemã, o conde era bastante respeitado pelos flamengos devido, em grande parte, aos seus feitos militares e organizacionais. Nassau governou o Brasil holandês por sete anos (1637-1644), que constituíram um interlúdio de relativa paz entre dois períodos de guerra. Seu intuito era consolidar a segurança e reconstruir a economia açucareira. Estrategista, compreendeu que a longo prazo, a estabilidade do Nordeste dependia da aceitação luso-brasileira, visto que os senhores de engenho, em maioria, tinham essa origem. Nassau tinha 32 anos quando chegou ao Brasil. Não falava uma palavra em português, era, porém, fluente em francês, língua que admirava, alemão e holandês. E apesar de nenhuma dessas línguas o credenciarem a comunicar-se com as gentes do Brasil, não se intimidou.

Aprofundou-se como poucos no conhecimento do Brasil, procurou governar com moderação e firmeza, mantendo equilíbrio entre católicos, calvinistas e judeus; entre comerciantes holandeses e senhores de engenho. Alguns conselheiros da WIC o chamavam de "brasileiro", visto que criou a cidade Maurícia (Recife) com direito a palácios, jardins, canais, além de trazer consigo um séquito de artistas e cientistas<sup>3</sup>, que contribuíram com estudos, registro da conquista e embelezamento de “sua” cidade. Que foi elevada à categoria de capital da *Zuckerland*<sup>4</sup>. (VAINFAS, 2010, p. 210).

### **2.2.2 Fim da União Ibérica e despedida de Nassau**

Durante a União Ibérica, a Dinastia Filipina propiciou a aclamação e reinado de soberanos homônimos sendo o último a subjugar Portugal, Filipe IV, de Espanha. Esse subiu ao trono em 1621, com apenas 16 anos. Devido a pouca idade teve como uma espécie de tutor o Conde-Duque de Olivares, que assumiu o posto de ministro do governo espanhol. Segundo o historiador português, José Hermano Saraiva (1981, p. 53-54), sob ordens de Olivares, em Portugal tinha-se um preposto chamado Miguel de Vasconcelos. Esse agente que tomou

---

<sup>3</sup> Nassau trouxe consigo para o Nordeste nomes como do arquiteto Pieter Post, dos pintores Frans Post, Albert Eckhout. O médico Willem Piso e o botânico e cartógrafo Georg Marcgrave. O material deixado por esses homens é dos mais importantes registros da América seiscentista. Para aprofundamentos vide Herkenhoff, 1999.

<sup>4</sup> Terra do açúcar em holandês.

medidas antipopulares incluindo a demasiada elevação de impostos. Como resultado disso fez-se uma insurreição no reino português:

[...] no dia 1 de dezembro de 1640, em Lisboa, eclodiu uma conjura [...] assassinaram e defenestraram Miguel de Vasconcelos. O povo de Lisboa proclamou o duque de Bragança rei de Portugal [D. João IV], o qual chegou à capital alguns dias mais tarde para liderar uma revolução que libertava o seu país de 60 anos de domínio estrangeiro e restaurava, não só a monarquia, mas também a independência nacional. (SARAIVA, 1981, p. 54).

Restaurado o trono português, houve reconhecimento da França e da Inglaterra, quanto aos inimigos da Espanha, coube ao novo monarca tentar acordos. Enfim conseguiu junto à Holanda, um acordo de paz que, oficialmente, duraria dez anos, isto é, de 1641 a 1651 – tratado esse que não seria cumprido integralmente. Conforme Leonardo Dantas Silva (2005, p. 197-198), esse tratado só veio a ser ratificado meses depois e em face às dificuldades de comunicação da época, a notícia da trégua com os portugueses só chega ao conhecimento do Conde de Nassau em meados de 1642.

Entrementes, Nassau percebia que com a restauração da independência portuguesa, aumentara em vez de diminuir a insegurança do Brasil holandês, agia com prudência informando aos seus superiores alguns estados de calamidade pelos quais o Brasil passava em 1642, além de compreender que deveriam agir com brandura quanto às cobranças aos senhores de engenho, uma vez que eles necessitariam de um relativo capital para continuarem suas atividades e quitar dívidas paulatinamente.

Nassau parecia querer fixar bases no Brasil. Contudo, as divergências entre ele e a WIC, que em princípio giraram particularmente em torno de questões financeiras e administrativas, com o tempo foram se agravando. À Companhia, Nassau parecia um funcionário dispendioso; para o conde, ela era uma empresa de sovins destituída de visão política e militar. Por fim, foi demitido pela WIC em 1643, indo para a Europa em 1644. (MELLO, Evaldo C., 2011, p. 43).

### **2.2.3 A Restauração Pernambucana**

Enquanto Maurício de Nassau administrou a conjura dos luso-brasileiros não houve possibilidades de êxito graças à sua popularidade de conde. Além do que senhores de engenho, como Fernandes Vieira e parceiros procuraram obter sua permanência à frente do Brasil holandês até o último momento. Mas, com a partida do conde, as conspirações progrediram, e ideia de insurreição já sensibilizava até muitos avessos ao risco dos enfrentamentos, visto que os substitutos de Nassau foram severos quanto a cobranças de dívidas, confisco de terras,

execução de hipotecas e corte de créditos na compra de escravizados, além de intolerâncias religiosas.

Concordamos com Darcy Ribeiro (1995, p. 295) quando ele enfatiza que a ruptura com os negócios no Nordeste holandês se dá de fato quando mexem diretamente no bolso de alguns luso-brasileiros, mais do que por força de colaboradores do sistema, e que passaram a ser pios na defesa da pátria portuguesa e religião católica, inclusive a pressionar o Rei D. João IV ao enfrentamento, recuperando frente aos “invasores flamengos” tanto a soberania do Nordeste quanto a soberania em Angola. Porém, o rei agia com cautela, visto o recém desgaste da Guerra da Restauração portuguesa e a situação delicada do Tesouro régio.

A trama por trás do planejamento para a ofensiva de guerra é densa, aqui, optamos por mencionar a constatação feita por José Antônio Gonsalves de Mello (1978, p. 162-165): A insurreição de 1645 foi preparada por senhores de engenho na sua maior parte devedores – liderada por João Fernandes Vieira- ou judeus da cidade. Foi nitidamente um levante de elementos rurais, no qual tomaram parte, entre outros, negros escravizados, lavradores, pequenos proprietários de roças, contratadores do corte de pau-brasil, como o ex- Padre Manoel de Moraes.

A liderança de Fernandes Vieira sobre os insurretos, dentre outras coisas, residia no fato de ele mesmo ser o segundo maior devedor da WIC. De acordo com Vainfas (2009, p. 82-100) sua riqueza alcançou nada menos do que cinco engenhos, imensa escravaria, bois, cavalos, canaviais, joias, tudo graças ao largo crédito que lhe concedeu a WIC assim devia quase meio milhão de florins à WIC e a particulares holandeses.

A Insurreição Pernambucana eclodiu em 13 de junho de 1645, dia de Santo Antônio. Uma das primeiras medidas de João Fernandes foi decretar nulas as dívidas que os rebeldes tinham com os holandeses. O ex-Padre Manoel de Moraes, citado anteriormente, teve um papel atuante: Saiu à frente das tropas na batalha do Monte das Tabocas, em agosto de 1645, como capelão da guerra, crucifixo na mão, exortando a soldadesca ao entoar a Salve Rainha. Pela Virgem Maria e por Santo Antônio, a Insurreição Pernambucana haveria de ser uma “guerra da liberdade divina”, grande lema dos rebeldes.

No ano 1645, além da batalha das Tabocas (atual município de Vitória de Santo Antão), houve outra disputa em terras do Engenho Casa Forte nas proximidades do Recife, ambas vencidas pelos luso-brasileiros num período de aproximadamente 15 dias . Essas duas vitórias levantaram o moral da tropa, e a confiança na capitulação final, quase uma década mais tarde.

Do lado holandês, a preocupação fez com que a WIC enviasse a Pernambuco, em 1646, os coronéis Sigmund Von Schkoppe e James Henderson com esperanças de contornar a guerra.

Segundo Leonardo Dantas Silva (2005, p. 277), a Coroa portuguesa, recebendo denúncias de Fernandes Vieira, resolve enviar ao Brasil, no ano de 1647, para assumir a função de comandante-chefe das forças luso-brasileiras, Francisco Barreto de Menezes, que até então era responsável por um regimento de cavalaria do Alentejo e que já tinha experiência nas guerras brasílicas.

Barreto de Menezes, filho de pai português, era nascido no Peru, pôde juntar-se a outros personagens representativos da diversidade étnica que formava a sociedade da época: André Vidal de Negreiros, branco, nascido na Paraíba, Antônio Filipe Camarão, nascido em Pernambuco, índio potiguar; Henrique Dias, não se tem certeza se nasceu liberto ou escravo, juntos combateram em Guararapes (1648/1649). (REZENDE, 2005, p. 48).

A primeira Batalha dos Guararapes ocorreu no dia 19 de abril de 1648, de acordo com Evaldo C. de Mello (1999, p. 35), uma peleja entre 5000 soldados de Von Schkoppe, contra 2.200 de Barreto de Menezes. Os neerlandeses, apesar da superioridade numérica, foram surpreendidos pelos luso-brasileiros, taticamente posicionados em altos morros, impedindo a marcha dos inimigos ao caminho sul da capitania.

Em relato de Souza Júnior, 1949 apud Silva, Leonardo Dantas, 2005, p. 282), mostra a batuta do General Menezes, que colocou na vanguarda Fernandes Vieira, de um Felipe Camarão, e do outro Henrique Dias. Utilizando-se de armas de fogo e de armas brancas, totalizaram entre mortos e feridos cerca de mil holandeses. Entre as mortes as que mais chamaram a atenção foram dos coronéis Haus e Carpentier e dos feridos o general Schkoppe e o coronel Houthain. Em suma, o fracasso dos flamengos foi avassalador, deixaram em campo corpos e um considerável butim que contribuiria para que os luso-brasileiros tivessem uma vitória ainda maior na investida seguinte.

Depois de quase um ano de reclusão no Recife, o exército da WIC, diante de reforços resolveram retornar à Guararapes em 18 de novembro de 1649, dessa vez ocupariam a posição em que foram surpreendidos pelo exército pernambucano na batalha anterior, ou seja, o Alto dos montes. Talvez, seu primeiro grande inimigo tenha sido a temperatura elevada, sob um sol causticante, eram vistos pelos luso-brasileiros, que se escondiam entre canaviais ao lado de fontes de água.

Em condições físicas desfavoráveis, perecendo de sede, os neerlandeses desistiram de engajar os inimigos, contudo, foram violentamente atacados pela retaguarda e encurralados entre os montes e os mangues que os margeavam, perdendo cerca de 1.000 homens contando com o comandante geral Tenente Van den Brinken, além de cerca de 500 feridos (MELLO, Evaldo C., 1999, p. 36).

Em ambas as batalhas o exército luso-brasileiro teve menos efetivos e proporcionalmente, ainda menos baixas. Cerca de 5 anos após, em 1954, os flamengos se viram sitiados no Recife, negociaram a rendição e a partir da entrega das chaves ao general Barreto de Menezes a restauração pernambucana estava consolidada. Para Vainfas (2009, p. 100) E, por fim, os generais da insurreição pernambucana deram o golpe decisivo visto que os mesmos fizeram mais pela restauração mais do que todos os diplomatas de D. João IV.

### **2.3. - De capela a monumento: construção, reformas e aspectos culturais**

As colunas salomônicas com ramos de videira em arcos concêntricos, na igreja de Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes, na área onde a posse da terra foi disputada em duas batalhas. (Carlos Drummond de Andrade)

Para entendermos um pouco melhor os motivos que levaram à construção da Capela votiva de Nossa senhora dos Prazeres em 1656, convém retroagirmos um pouco no tempo e mencionar a crença no culto mariano durante a Restauração Portuguesa de 1640, vista como “restauração prodigiosa”, tendo a Virgem Maria intervindo para que D. João IV retomasse justo de Espanha o trono. De acordo com o historiador João Faria (2010, p. 117), políticos e eclesiásticos utilizaram da devoção como ícone da figuração simbólica da soberania portuguesa. A Imaculada Conceição passaria a ser protetora oficial não só de Portugal, mas de todas as suas possessões. Assim, na capela dos Bragança na época da Restauração, D. João IV coroou uma imagem de Santa Maria com um manto e o menino Jesus no colo.

Figura 4– Virgem Maria de Portugal



Fonte: Faria, 2010.

A figura 4 traz a escultura de Nossa Senhora da Conceição com a coroa de Portugal, notemos que no século XVII era comum figuras que não diferiam muito dessa. Pela época da Restauração portuguesa, o General Francisco Bezerra de Menezes, estava no reino, e não ficaria indiferente a isso. Deduzimos que ele, seja por devoção ou como mecanismo de se conectar com a Corte, gestou a ideia de construir um símbolo que unisse o culto mariano a um local de batalhas.

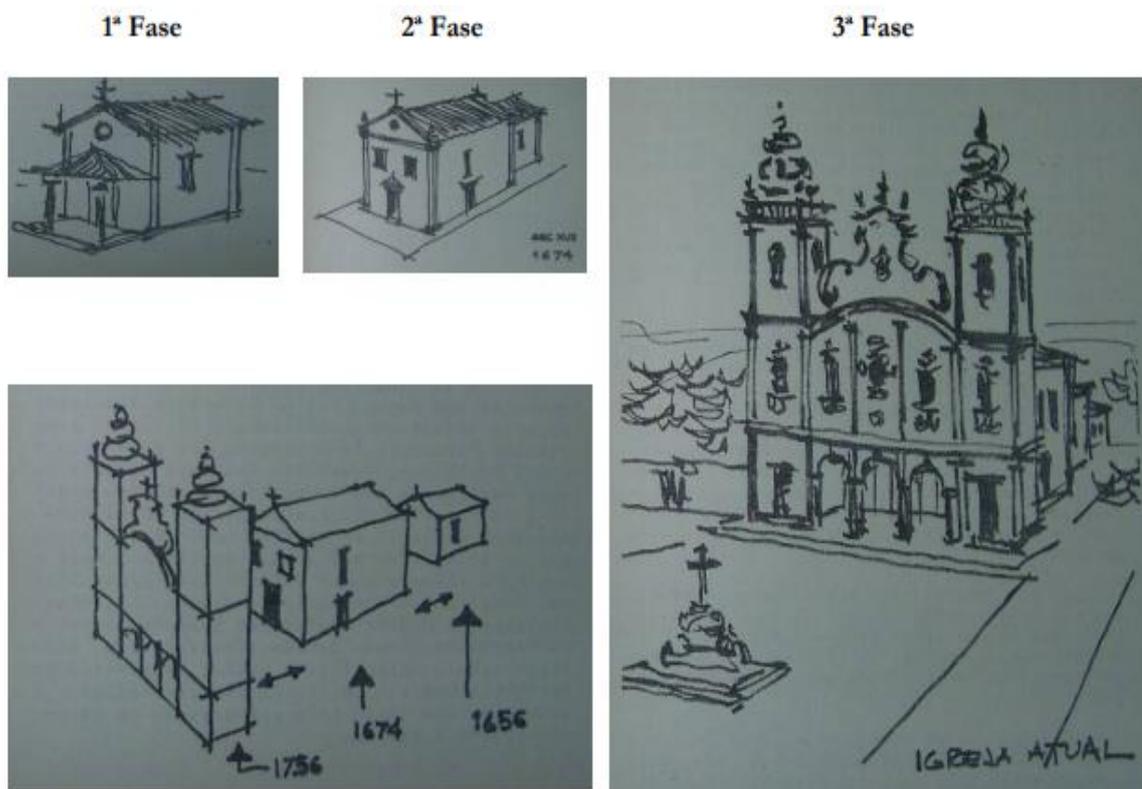
Concebendo erigir a capela de Nossa Senhora dos Prazeres nos Montes Guararapes em comemoração. Sobre a aparição da Virgem Santíssima, além de outros elementos que estão no imaginário popular, autores como Evaldo Cabral de Mello (1997, p. 33), os trata, respeitosamente, como lenda, mas não descarta a importância cultural desse alegado “fenômeno divino”, visto que, em contrapartida à dita “intervenção”, foi erguida uma capela votiva e que, ao longo do tempo, foi reformada, posteriormente, transformou-se em igreja, sendo hoje santuário.

Segundo Flávio Guerra (1970, p. 176) os custos da edificação da capela foram financiados pelo próprio Barreto de Menezes, recomendando aos monges de São Bento que a capela deveria ser melhorada e não ficar apenas a pedra e cal, com proporções modestas. É possível que esse financiamento tenha colaborado com a expressão constantemente repetida

durante o período colonial, na qual os restauradores e seus descendentes repetiam “À custa de sangue, vidas e fazendas” dos pernambucanos deu-se a expulsão dos inimigos. De concreto temos que as reformas vieram.

### 2.3.1 -Construção, reformas (breve apanhado)

Figura 5: Evolução construtiva do Santuário



Fonte: MENEZES, 1973.

Na figura 5 podemos contemplar quatro croquis do arquiteto e historiador José Luiz da Mota Menezes (1973), referentes a três fases. *1ª fase*: Capela original erigida em 1756 (acima e à esquerda) a mando do General Barreto de Menezes. A simplicidade assertiva do traço condiz com as modestas dimensões da edificação, que segundo Leonardo Dantas Silva (2008) mediam 24 palmos de largura por 36 palmos de comprimento (5,28 m x 7,92 m); *2ª fase*: percebemos a primeira ampliação concluída em 1674 (acima e ao centro), aqui Sylvia Cavalcanti (2006), aponta que a Ordem Beneditina de Olinda recebeu a capela como doação e decidiu transformá-la em igreja (o que ocorreu entre 1676 e 1680) assim, o pequenino templo tornou-se capela-

mor; 3ª fase: vê-se o resultado da segunda ampliação ocorrida no século seguinte, em 1756, (acima e à direita) que recebeu um frontispício barroco com duas torres, um cruzeiro, ganhando imponência arquitetônica, que resultaria, anos mais tarde, em seu tombamento, conforme o Decreto nº 25.175/1948 (BRASIL, 1948). Ainda sobre a figura 5 (abaixo e à esquerda), pode-se observar, de maneira bem didática, um resumo das três fases no mesmo desenho.

### **2.3.2 - O Santuário na atualidade**

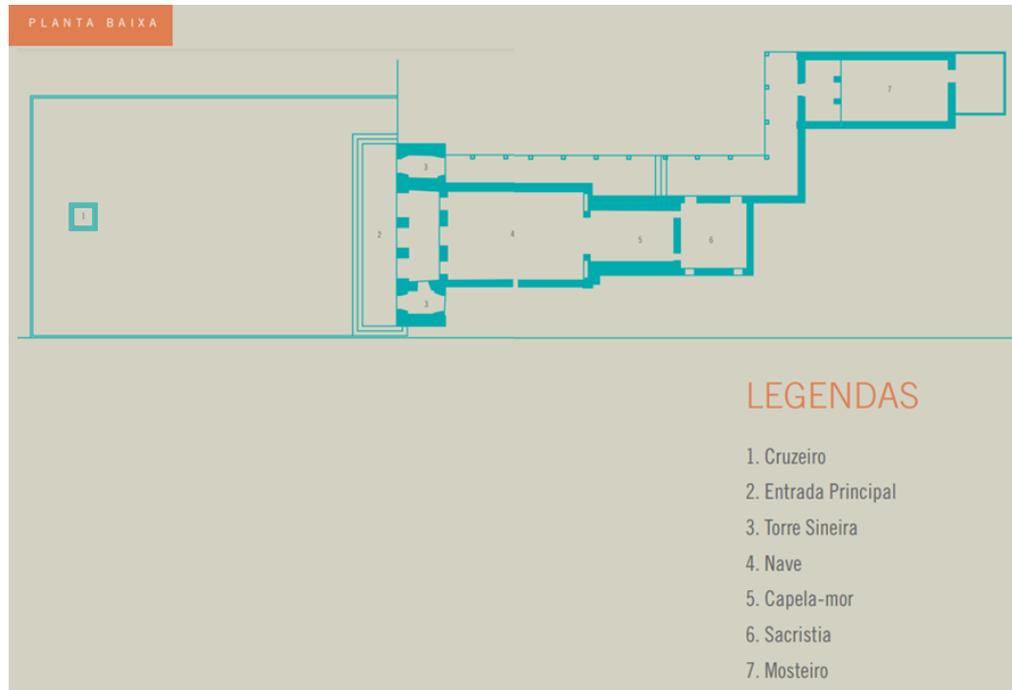
Pedra, cal, eventos militares, forja de nacionalidade, a priori, foram essas características que monumentalizaram o Santuário, porém nos ancorando em leituras como de Pedro Paulo Funari e Sandra Pelegrini (2009, p. 29-41) fomos percebendo que estávamos diante de um patrimônio cultural do Brasil, visto que além da edificação e dos bens integrados à arquitetura, existe a paisagem que a cerca, além de peregrinações e eventos que unem o sagrado e o profano como peças teatrais e a famosa Festa da Pitomba em que os festejos populares seguem paralelo às comemorações religiosas, com apresentação de feiras de artesanato, parque de diversões, apresentação de bandas de músicas, grupos de danças folclóricas comidas típicas regional e muitas outras atrações. Um desafio a ser enfrentado é a preservação desse patrimônio.

Para Lia Calabre (2015, p. 166), é um dever dos gestores do patrimônio cultural nacional fazer valer o direito de todos os cidadãos, à medida que eles, caso se identifiquem, possam desfrutar amplamente desses bens culturais, pois “[...]fundamental é que os princípios do respeito aos direitos dos cidadãos sejam preservados, as pactuações das ações, respeitadas e o sentido de patrimônio para o conjunto dos envolvidos, preservado.” Logo, a educação patrimonial, seja nas escolas, associações de moradores, ou a partir de outros mecanismos, é de fundamental importância para que a comunidade se aproprie do que de fato é de uma coletividade – a fim de contribuirmos para isso elaboramos nossas pesquisas em relação ao Santuário materializando um catálogo ilustrado.

O Santuário poderia ser mostrado de maneiras diversas, contudo, procuramos mostrá-lo a partir de imagens, pois acreditamos que essa expressão nos dá a possibilidade de nos aproximarmos da linguagem do catálogo elaborado por nós. Seguindo as orientações dos historiadores da arte H. W. Janson e Anthony F. Janson (1996, p 6-7) que destaca que imagens valem por mil palavras não apenas por seu valor descritivo, mas também por sua significação simbólica, poética. Aqui mostraremos uma sequência, na qual por vezes aparecerão fotografias em sua integridade ou em fragmentos para a contemplação dos detalhes - devido a isso não as

enumeraremos como procedemos durante todo o relatório, para gerar uma certa fruição na leitura, trazendo um pouco de poesia visual.

### *Planta Baixa*



Fonte: adaptado do IPHAN, 2015.

- A planta baixa do Santuário nos servirá como norte para visualizarmos, principalmente, a parte interna da igreja, que segundo Augusto Telles (2008), conserva o caráter seiscentista que veremos a seguir.

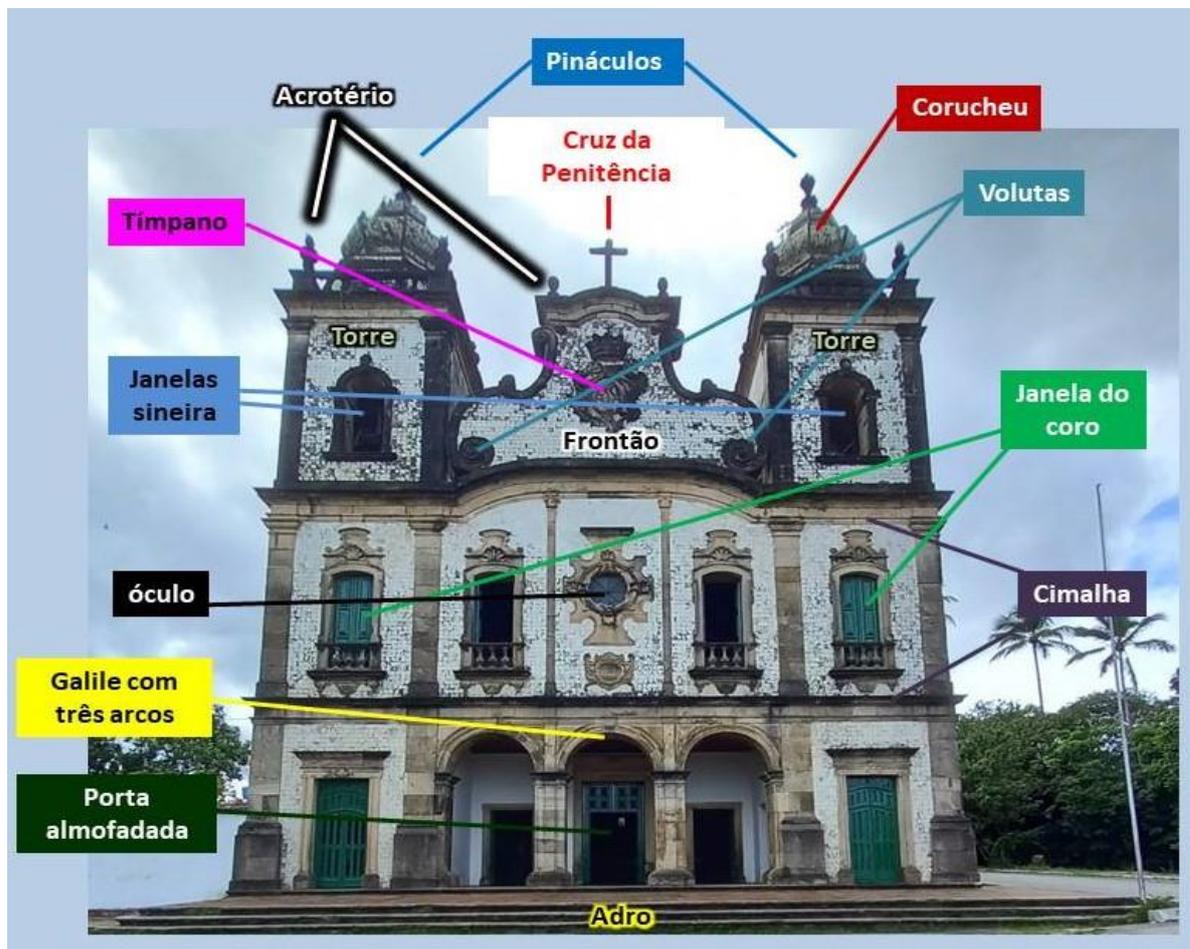
*Cruzeiro e entrada principal*



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

- O exterior da Igreja Nossa Senhora dos Prazeres foi modificado. Atualmente, é precedido por imenso adro no terreno em aclive no qual se encontra um cruzeiro sobre uma base escalonada.

### Frontispício



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

- O frontispício da igreja foi projetado com volutas e cimalha em meio a arcos e um brasão no tímpano (centro ao alto) que remete à influência barroca na edificação. Uma cruz central e pináculos aplicados no acabamento do frontispício conferem equilíbrio à composição. As duas torres sineiras e simétricas são em secções quadrangulares, tendo sua cobertura em forma de coroa. Todo esse esmero resulta em uma fachada larga e harmoniosa.
- De linhas barroco-coloniais, a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres possui uma fachada simétrica e de grande beleza. A proporção vertical é realçada com a marcação de cunhais em pedra. No térreo, as três arcadas centrais vazadas refletem a presença da *galilé* (cons-

trução arquitetônica, geralmente na entrada de um templo, situa-se no exterior do edifício, constituída por um telhado ou cobertura que protege a entrada da igreja) como elemento de transição entre a área externa e interna.

- As pilastras na fachada primitiva foram transportadas e passaram a ser os cunhais (ângulo externo – quina) da parede de fundo da nave. Ao longo dos anos, outras intervenções foram sendo realizadas na Igreja.
- Uma cruz central e pináculos (pontos mais altos do edifício) aplicados no acabamento do frontão conferem equilíbrio e suntuosidade ao prédio.
- As duas torres sineiras, simétricas, são em secções quadrangulares, tendo a coberta em forma de coroa.
- Todo esse esmero resultou em uma fachada larga e harmoniosa. Um material recorrente na construção da Igreja foi o uso de pedras de arrecifes de corais, presentes, sobretudo, na fachada da Igreja.
- O revestimento de todo o frontispício foi feito em azulejo branco português, particularidade que enquadra o monumento como único dentre as edificações religiosas do período colonial em Pernambuco.

***Altar da capela-mor: Jesus Crucificado, Nossa Senhora dos Prazeres e Santa Ana***



- Um guarda-corpo em balaústre (pequenas colunas que sustentam o corrimão) faz a proteção das esquadrias do coro (local situado acima da porta de acesso e no início da nave, para canto ou reza do coral), que são separadas por um óculo, eixo central da fachada. Todas as esquadrias, inclusive as do térreo, são em madeira com detalhe almofadado (retângulos reentrantes ou salientes em esquadrias que podem ou não ser decorados).
- O altar-mor e os altares laterais são em madeira de jacarandá e datam de fins do século XVII.



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

### **Jesus Crucificado da Capela-mor**

#### **Dimensões:**

Altura total da cruz 224 cm.

Altura total do Cristo 132 cm.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).

- **Características especiais da imagem Jesus Crucificado da Capela-mor**

Cor dos cabelos e seu arranjo: castanhos, partidos ao meio e caídos sobre os ombros;

Natureza e cor dos olhos: de vidro, castanhos;

Vestuário e adereços: pano de pureza (perizônio) dourado, com laço no lado direito;

Mãos e braços: abertos com cravos nas mãos.

Pés: pregados, cada um com um cravo.

Material de que é constituída: madeira de cedro.



Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).

### **Nossa Senhora dos Prazeres da Capela-mor**

#### **Dimensões:**

Altura total	162 cm.
Altura do vulto	100 cm.
Altura da peanha	6 cm.
Altura da base	56 cm.
Largura máxima	78 cm.
Fundo	50,5 cm.

#### **Imagem acompanhante**

Altura	50 cm.
Largura	29 cm.
Fundo	18,5 cm.

- **Características especiais da imagem de Nossa Senhora dos Prazeres da Capela-mor**

#### Imagem principal:

Cor dos cabelos e arranjo: castanhos, ondulados e partidos ao meio, caindo sobre os ombros.

Natureza e cor dos olhos: de vidro, castanhos.

Vestuário e adereços: hábito roçagante com decote redondo, de mangas compridas, manto cruzado.

Mãos e braços: a mão direita segura um bastão e a mão esquerda, o menino Jesus.

Pés: cobertos pelo hábito, deixando aparecer somente a ponta do sapato do pé esquerdo.

#### Imagem acompanhante:

Cor dos cabelos e arranjo: louros, ondulados e curtos.

Natureza e cor dos olhos: de vidro, castanhos.

Material de que é constituída: madeira de cedro.



Fonte: (IPHAN, 1986).

### Santa Ana da Capela-mor

#### Dimensões:

Altura total	110 cm.
Altura do vulto	105 cm.
Altura da peanha	5 cm.
Com uma imagem	65 cm.
Com duas imagens	80 cm.
Fundo	60 cm.
Imagem acompanhante	
Altura	80 cm.

- **Características especiais da imagem de Santa Ana Mestra da Capela-mor**

#### Imagem principal:

Cor dos cabelos: castanhos, partidos ao meio, caindo sobre o ombro direito.

Natureza e cor dos olhos: de vidro, castanhos.

Vestuário e adereços: arranjo na cabeça, veste um hábito de mangas compridas, tendo no decote uma pequena gola com um broche.

Mãos e braços: a mão esquerda segura um livro e a direita afaga a jovem Virgem Maria.

Pés: nota-se somente a ponta de um sapato preto aparecendo debaixo do hábito.

#### Imagem acompanhante:

Cor dos cabelos e arranjo: castanhos, apanhados com uma fita terminada em laço.

Natureza e cor dos olhos: de vidro, castanhos.

Material de que é constituída a imagem: madeira de cedro.

- **Arco cruzeiro**

Composição fitomórfica encontrada na parte superior do arco cruzeiro da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

O arco cruzeiro da capela-mor faz composição com os arcos em pedra dos altares laterais.

Na face posterior do arco do cruzeiro existem duas peças de padrão azul 2x2/1, tipo camélia.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

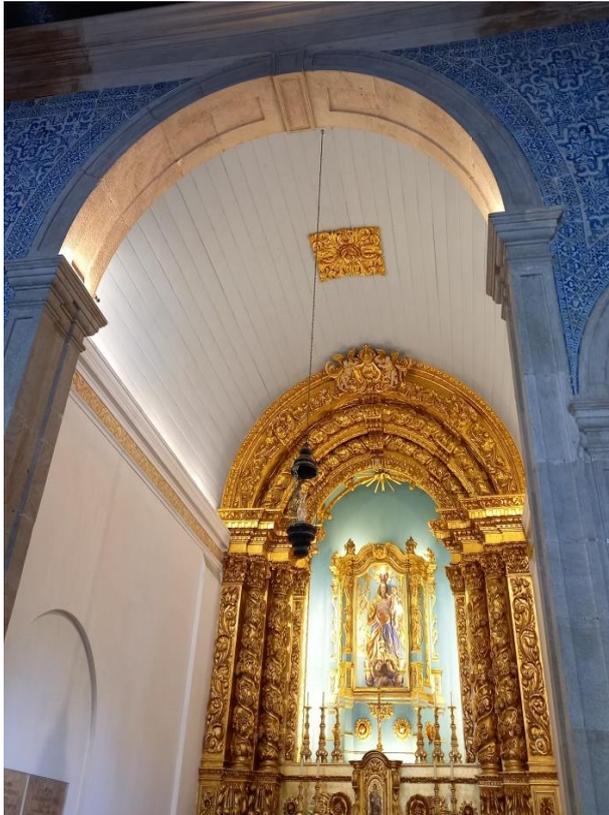
**Paredes colaterais** ladeiam o arco cruzeiro e tem por fundo o retábulo de cedro entalhado, dourado, policromo e possui frontais durados. (IPHAN, 1986).

Os mais antigos azulejos recobrem o lado interno do arco cruzeiro da capela-mor e são remanescentes da primitiva capela.

Acima dos frontais dourados foi colocado foro de gamela de pau de arco.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).

- A capela-mor é profunda, projetada com forro em madeira branca, em abóbada (teto côncavo) de berço, sem pinturas.



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

### **Forro e abóboda**

Dimensões:

- Imagem principal

Largura total: 162 cm.

Altura do vulto: 100 cm.

Altura da peanha: 6 cm.

Altura da base: 56 cm.

Largura máxima: 78 cm.

Fundo: 50,5 cm.

- Imagem acompanhante

Altura: 50 cm.

Largura: 29 cm.

Fundo: 18,5 cm.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).

### ***Placa em homenagem Barreto de Menezes***



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

- Na capela-mor da antiga construção, na parede lateral, do lado sul, resta apenas a placa em ferro fundido com uma inscrição que exalta a graça alcançada junto à Nossa Senhora dos Prazeres, uma homenagem ao general Francisco Barreto de Menezes.

- Ainda na capela-mor, o frontão da mesa do altar, todo dourado, ornado de folhas de acanto em volutas.



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

*Retábulo-mor*



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

- **Características do Retábulo-mor**

Madeira dourada e policromada

Dimensões:

Imagem principal

Largura total – 162 cm.

Altura do vulto – 100 cm.

Altura da peanha – 6 cm.

Altura da base – 56 cm.

Largura máxima 78 cm.

Fundo – 50,5 cm.

Imagem acompanhante do menino Jesus:

Altura – 50 cm.

Largura – 29 cm.

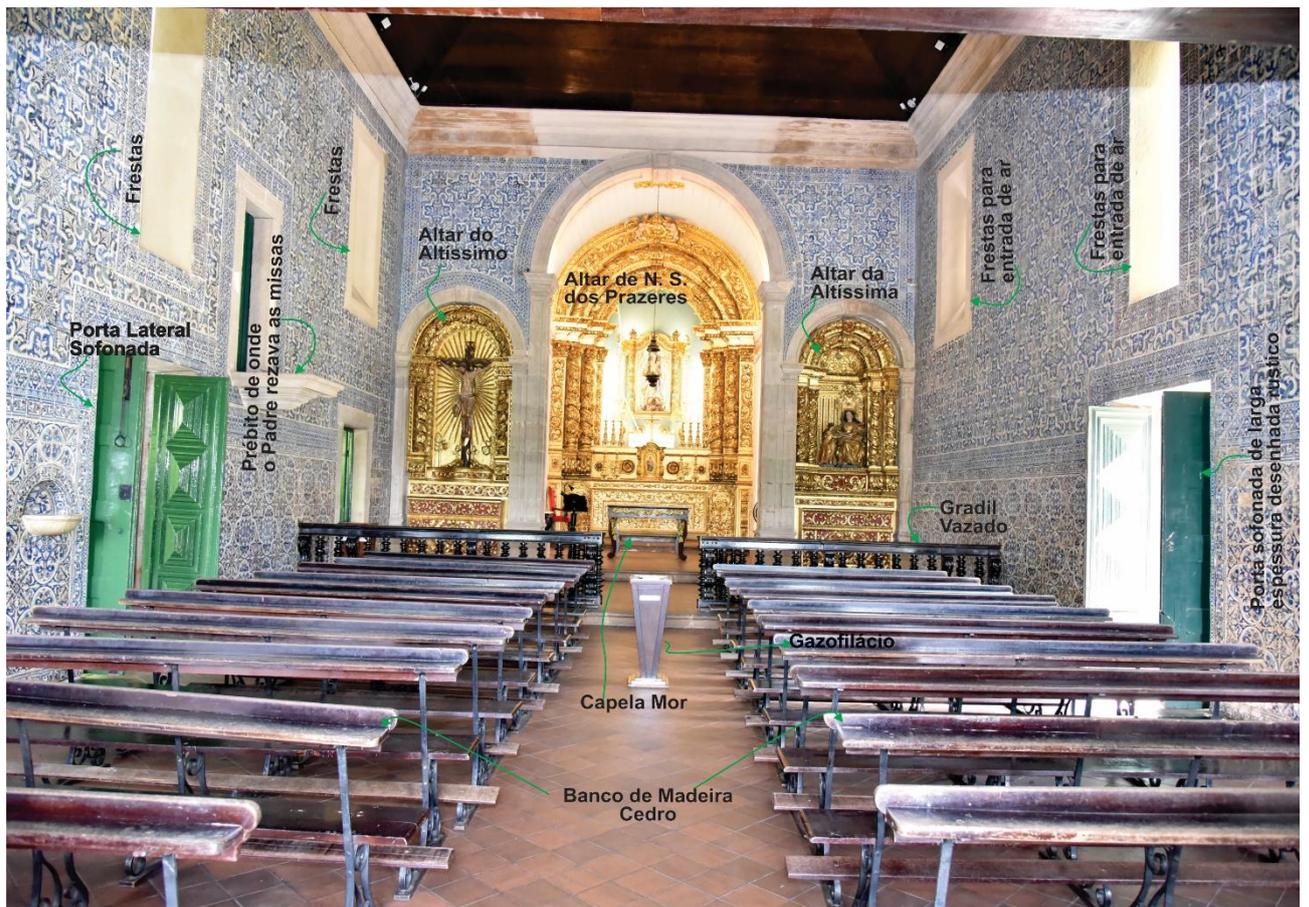
Fundo – 18,5 cm.

Altura da base – 56 cm.

Largura máxima 78 cm.

Fundo – 50,5 cm.

*Visão geral da nave -*



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

- Projeto de autoria do Frei Macário de São João, religioso que pertencia ao Mosteiro de São Bento da Bahia, contempla uma nave (no interior da igreja, que vai desde a porta frontal até o altar-mor) mais larga, sem corredores, com um arco cruzeiro e uma sacristia.

*Forro de madeira do teto da nave, com iluminação embutida*



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

**Pintura do forro**

Uma pintura no forro central da nave, rodeada de anjos, em forma de chanfro, representa a Virgem dos Prazeres, cuja imagem barroca está presente em nicho do altar-mor.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

### **Pia de água benta**

Na parede lateral (lado esquerdo) há uma pia de água benta, de mármore, situada um pouco afastada do arco cruzeiro.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

### **Azulejos**

Paredes completamente revestidas a azulejos de dois tipos: um, padrão 4x4/4, pintados a azul cobalto de dois tons, com cercadura; outro, que garante a parte superior das paredes, de padrão 6x6/8, com desenho de folhagem radiante e laçaria também pintada a azul cobalto em dois tons.

Toda essa azulejaria deve datar do período compreendido entre 1680/1690.

Fonte: (Inventário do IPHAN, 1986).



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

### **Azulejos**

Os azulejos portugueses de tapete azuis e amarelos também estão presentes em toda a extensão das paredes internas da nave, até a altura da cimalha, um notabilíssimo conjunto azulejar presente no interior da Igreja dos Montes Guararapes, o mais vasto e importante repositório de azulejos de padrão azul (azulejos seiscentistas).

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

### **Seteiras**

Seteiras - frestas nas paredes da edificação para deixar passar a luz) e um púlpito delimitado em cantaria (paredes lavradas e cortadas segundo as regras técnicas de divisão e corte dos materiais) também ornamentam as paredes laterais da nave.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

### **Púlpito**

Delimitado em cantaria, também ornamenta as paredes laterais da nave, tribuna elevada em um dos lados da nave, de onde o padre prega aos fiéis, coroado por dossel e sem colunas.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).

*Vista interna dos fundos da igreja com o coro ao fundo*



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

O transepto (nave transversal como um braço de uma cruz, que separa a capela-mor das naves da igreja), em desnível em relação à nave, é arrematado com bocel (parte do piso que se sobressai além da prumada do espelho, formando um dente) em pedra e delimitado por guarda-corpo em balaústre de madeira em jacarandá. Esse detalhe confere monumentalidade à capela-mor. O piso de toda a nave, transepto e *galilé* é em tijoleira de barro cozido.

O coro, local para canto do coral, é simples, com gradil em madeira e escada de acesso externo, sua singularidade está na ausência das colunas de sustentação.

Para o completo ornamento das novas reformas, todo o interior da Igreja foi revestido com novos azulejos, embora o piso continuasse em tijolos e ladrilhos de barro cozido, por faltar meios (econômicos) à ordem beneditina para empregar a luxuosa pedra de lioz (que naquele tempo era chamado mármore de Lisboa).

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

### Sacristia

Dependência próxima ao altar-mor para guarda dos paramentos litúrgicos de autoridades religiosas e objetos sagrados na parte posterior do Templo.

Na sacristia há quatro quadros a óleo sobre madeira; dois arcazes enormes do século XVIII/XIX; um Cristo do século XVII, colocado em nicho e cujos cravos (2 nas mãos e 2 nos pés) têm as cabeças feita com ametistas; um lavabo de mármore. Além destas peças, existem ainda uma imagem de Nossa Senhora da Soledade (roca, datada de 1894), e um Senhor dos Passos (manequim, muito deteriorada). Uma imagem de madeira de cedro, de São Bento; uma imagem de madeira de cedro, de Santa Escolástica; uma imagem do fim do século XVIII de Nossa Senhora dos Prazeres.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).

### Arcazes

Na sacristia encontram-se dois grandes arcazes iguais com largura de 312 x 115 cm de altura. Constituídos por gavetas, tendo a almofada em forma de losango moldurado na qual está aplicado um puxador de latão muito decorado, com espelho ornado de volutas e uma cartela central. O tampo deste é liso com as bordas molduradas, as ilhargas dos arcazes são também constituídas por almofadas iguais às das gavetas, mas sem puxadores; o outro tem 7 espelhos sem puxadores e 5 com puxadores.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

### **Altar da Sacristia**

Altar da sacristia em forma de uma urna decorada, com uma cartela de volutas tendo ao centro um Cristo crucificado.

A decoração da frente e ilhargas desta urna é feita com uma pintura nas cores azul e rosa.

#### **Lanternas:**

Duas lanternas com forma de tronco piramidal hexagonal, envidraçadas, rematadas com coruchéus encimado por uma cruz.

Trata-se de peças que devem ter sido processionais, mas que foram transformadas em lanterna de mesa pela fixação e uma base.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

### **Santa Escolástica**

Dimensões:

Altura total: 88 cm.

Altura do vulto: 84,5 cm.

Altura da peanha: 3,5 cm.

Largura máxima: 41 cm.

Fundo: 29 cm.

Peso: 21 kg.

Cabelos cobertos por um lenço

Natureza e cor dos olhos: castanhos, pintados.

Vestuário e adereços: hábito preto, roçagante, cobrindo os pés.

Mãos e braços: a mão esquerda segura um livro com uma pomba; a direita, um bastão, já os pés cobertos pelo hábito.

Material: madeira.

Data da execução: século XVIII.

Fonte: (Inventário IPHAN, (1986).



### **São Bento**

Dimensões:

Altura total: 89 cm.

Altura do vulto: 84 cm.

Altura da peanha: 5 cm .

Largura máxima: 41 cm.

Fundo: 33,5 cm.

Peso sem qualquer adorno: 19kg.

Cor dos cabelos e seu arranjo: castanhos, cobertos pelo capuz.

<p>Fonte: Registrada pelo autor, 2022.</p>	<p>Natureza e cor dos olhos: castanhos, pintados.</p> <p>Vestuário e adereços: hábito preto, roçagante onde aparece a ponta do pé esquerdo, calçando um sapato preto.</p> <p>Mãos e braços: na mão esquerda segura um livro, a mão direita faz um gesto de benção</p> <p>Material: madeira.</p> <p>Fonte: (Inventário IPHAN, (1986).</p>
--	--

- Os grandes painéis representando o nascimento de Jesus, a circuncisão, a adoração dos reis magos e a natividade de Nossa Senhora, admitem alguns beneditinos, que tenham sido pintados pelo monge Frei Estevão de Loreto Joassar, pintor francês que esteve no mosteiro de Olinda entre 1742 e 1745, ano este em que faleceu.

	<p><b>Painel sobre a visita dos Reis Magos</b></p> <p>Dimensões:</p> <p>Altura: 139 cm.</p> <p>Largura: 159 cm.</p> <p>Moldura em cedro: 12 cm de largura.</p> <p>Quadro a óleo policromado sobre 3 pranchas de madeira de amarelo vinhático, emoldurado com caixilho pintado dourado representado a adoração dos Reis Magos. A zona central do quadro é ocupada por um rei que beija a mão do menino Jesus. O menino é segurado em ambas as mãos pela virgem acompanhada de São José; vê-se ainda do lado oposto a virgem e São José, os Reis Magos e outras figuras que podem ser os pastores.</p> <p>Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).</p>
---	--



### **Painel sobre o nascimento de Jesus**

Dimensões:

Alturas: 139 cm.

Largura: 159 cm.

Moldura em cedro: 12 cm de largura.

Quadro a óleo policromado sobre 3 pranchas de madeira de amarelo vinhático, emoldurado com caixilho pintado e dourado (filete e ramagens), representando a adoração dos pastores ao menino Jesus. Vendo-se as seguintes figuras: menino Jesus, Nossa Senhora, São José, os 3 pastores, um burrinho e um cordeiro, uma mulher e um menino trazendo galinhas; as figuras do menino Jesus, Nossa Senhora e São José e ainda de um menino que traz oferendas estão pintadas com toda naturalidade e beleza.

Fonte: Inventário IPHAN (1986).



### **Painel sobre a circuncisão de Jesus**

Dimensões:

Alturas: 139 cm.

Largura: 159 cm.

Moldura em cedro: 12 cm de largura.

Quadro a óleo policromado sobre 3 pranchas de madeira de amarelo vinhático, emoldurado com caixilho pintado e dourado (filete e ramagens), representando a circuncisão do menino Jesus.

O centro do quadro é ocupado pelo menino Jesus despido, em uma mesa, e seguro por um ancião.

Na sua frente um sacerdote que executa a circuncisão, tem ao seu lado um ajudante que segura o prato. Aparecem ainda no quadro duas figuras, das quais segura um livro e São José que está vestindo uma roupa branca, segurando um objeto parecido com um prato. Do lado oposto à Virgem, uma mulher e um jovem ou estão com o olhar na direção do menino.

Fonte: (Inventário IPHAN, 1986).



### *Sepulturas*



Fonte: Sanctuária Art., 2015.

- As lápides do Mestre de Campo André Vidal de Negreiros (à esquerda) e de João Fernandes Vieira (à direita). As inscrições tumulares remontam características ufanistas. Embora o ufanismo não seja a tônica do nosso catálogo, faz parte da história da composição do Santuário de Nossa Senhora dos Prazeres. Na parede externa do corredor lateral ainda encontramos homenagens que a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres recebeu das Forças Armadas do Brasil.

### *Placa do Exército*



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

- Numa das paredes laterais e no alpendre do corredor é possível observar a presença de uma ruína que representa um **vestígio histórico** do que ocorreu entre os séculos XVII a XVIII. Os materiais utilizados na construção foram argila, pedras com revestimento em cascalho dos arrecifes de corais.



Fonte: Registrada pelo autor, 2022.

### 3- DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

Etimologicamente, catálogo deriva do grego “katálogos”, isto é, “lista”. Contudo quando trazemos ao português, podemos ter um sentido mais amplo: como um registro sobre algo, de maneira ordenada e /ou que mantenha um vínculo de coerência entre si. Levando em consideração que catálogos se destinam a facilitar o acesso a informações, colaborando inclusive para a divulgação de determinado local, bem como, seu acervo, optamos por esse gênero para compor nosso produto.

Após sondagens sobre leis de preservação ambiental, que sugerem que materiais impressos em papel devem ser reduzidos, seja pela questão do desmatamento seja pela questão dos poluentes agregados, e as dinâmicas estabelecidas nos últimos anos após o advento da pandemia do novo coronavírus, em que as relações com o mundo virtual se estreitaram, decidimos por um catálogo formato digital *PDF*, visto a versatilidade de compartilhamento.

Para além das convenções ambientais, ressaltamos que diminuição dos custos de produção foram cruciais para essa escolha – contudo, imprimiremos *folders* como “cartões de

visita” contendo QR code, que ao ser acessado deságua no catálogo para navegação virtual. Em relação ao público-alvo, primordialmente, foi pensado para os visitantes do santuário (frequentadores e turistas), estudantes e pesquisadores, contudo, percebemos que, em caso de maiores demandas, pode abranger demais interessados.

#### 4- APRESENTAÇÃO E APLICAÇÃO DO PRODUTO

Nosso catálogo foi desenvolvido em conjunto com uma profissional de *design*, e contém 44 páginas. A seguir traremos uma demonstração de seu interior:

Figura 39 – Capa



Fonte: Acervo pessoal.

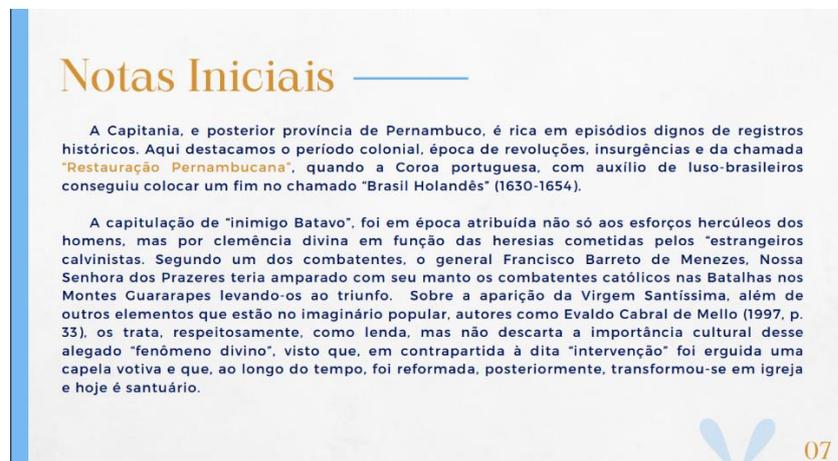
Figura 40 – Folha de Rosto



Fonte: Acervo pessoal.

Nas figuras 39 e 40 podemos ter uma dimensão da identidade visual do nosso catálogo; os tons de azul e branco remetem à famosa azulejaria que forra o interior do templo, esteticamente trazem suavidade e remetem às cores do céu em dia ensolarado, aqui temos pois a simbologia do sagrado. O tom alaranjado, que serve dar destaque em alguns detalhes e inscrições, teve como inspiração a cor da terra dos Montes Guararapes, onde outrora ocorreram as históricas batalhas, apontando para parte profana.

Figura 41 – Notas iniciais



Fonte: Acervo pessoal.

A Figura 41 traz um exemplo de preparação aos leitores, ou seja, uma parte inicial com dados históricos imbricados com a construção do templo.

Figura 42– Área externa



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 43– Nave



Fonte: Acervo pessoal.

Em seguida, como que em um *tour* pelo santuário, trazemos a figuras 42 simbolizando a parte externa. Adentrando às portas, descortina-se um rico universo, simbolizado na figura 43 pela nave.

Figura 44– Azulejos



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 45– Corredor



Fonte: Acervo pessoal.

As figuras 44 e 45 trazem detalhamentos sobre a azulejaria, como já citado, um dos bens integrados com maior relevância, e em sequência, as lápides de Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira, combatentes da guerra pela Restauração e uma das muitas placas que as forças armadas destinaram ao Santuário. Notemos, dessa forma, a presença de um certo ufanismo que é intrínseco ao templo, contudo sem hiper valorizá-lo.

Figura 46– Glossário



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 47– Link para Vídeo



Fonte: Acervo pessoal.

Ainda para fornecer aos leitores maiores subsídios de aprofundamento, elaboramos um glossário, como mostra a figura 47, e disponibilizamos um *link* com um vídeo elaborado por nós, com cerca de 3 minutos, como possibilidade para imersão seja pela vista panorâmica, seja por recantos do santuário -tal vídeo também poderá ser acessado via *QR code*.

Acrescentemos, que imprimiremos um *folder* em separado do catálogo com dimensões de 10cm x15cm (com tiragem inicial de 100 unidades) contendo um o QR code, para acesso a todas as partes do produto. Os folders impressos serão disponibilizados tanto no próprio Santuário como em locais estratégicos que prezem pelo turismo e/ou educação.

Figura 48– Folder



Fonte: Acervo pessoal.

Informamos ainda que este produto não terá fins lucrativos, terá distribuição gratuita.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do diálogo interdisciplinar, de início, foi bastante difícil compreender que a história tem características próprias e que o ofício do historiador requer atividades, que muitas vezes, correspondem também a de um detetive, como diria Carlo Ginzburg, em seus escritos sobre o paradigma indiciário. Também não foi tarefa fácil desconstruir a ideia do heroísmo vinculada a Guararapes, uma vez que diversos autores de épocas distintas ainda tratam a História como se fosse memória.

Sobre a memória dos episódios “heroicos” de Guararapes, percebemos que ela é muito forte na tradição oral ou escrita, e até mesmo em obras de arte. Propagandas à parte, o que muito nos auxiliou nessa tentativa de compreender os “não-ditos” oficiais, foram os estudos de autores como José Antônio e Evaldo (ambos Mello), parentes e com um afinco em traduzir uma vasta documentação das cortes portuguesa e holandesa e fazer associações trazendo à tona revelações impactantes.

Em torno de conexões entre Portugal e Pernambuco, pudemos perceber que em suas restaurações havia um nível acentuado da mística ao culto mariano, o que possibilitou a Barreto de Menezes erguer uma capela votiva, a mesma que sob o comando dos monges beneditinos transformou-se ao longo dos anos em templo majestoso e cercado por tradições. Tais tradições merecem todo nosso respeito e consideração uma vez que fazem parte de uma dinâmica social. Contudo, sua força é tão grande que, quando aliada à política, é capaz de criar um Parque Histórico e até interferir no nome de uma cidade. Jaboatão se transformou em Jaboatão dos Guararapes – lugar que foi largamente utilizado como propaganda ufanista de um regime ditatorial.

Por fim, gostaríamos de dizer que o estudo envolvendo questões culturais e patrimoniais nos fizeram rever a possibilidade de criar uma cartilha didática. Sob orientação da banca de qualificação, tomamos outro norte, materializando nosso esforço em um catálogo ilustrado contendo informações basilares sobre a história seiscentista, buscando fugir da dicotomia heróis / hereges. Nossa meta, com a confecção do catálogo, foi trazer um pouco de arte para que os cidadãos do presente possam utilizá-lo como instrumento inicial para um maior conhecimento do templo, e quem sabe, mais adiante, façam um estudo acurado do tema.

## 6 - ACERVOS

- **Acervos virtuais**

CONDEPE/FIDEM -<http://www.condepefidem.pe.gov.br/web/condepe-fidem>

IBGE -<https://www.ibge.gov.br/>

PREFEITURA DE JABOÃO DOS GUARARAPES <https://jaboatao.pe.gov.br/>

UFPE - <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50>

UFRRJ -<https://portal.ufrj.br/repositório>

- **Acervos físicos**

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE PE (Coleção Pernambucanas)

IPHAN – (Inventários)

UNICAP – (Obras Raras)

## 7 -REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, Marlene Medaglia, **Introdução ao estudo da historiografia Sul Rio-grandense: inovações e recorrências do discurso oficial (1920-1935)**. [Dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1983.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Tempo e Arte no Brasil. *In: Jornal do Brasil*, 17/05/1975.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. Recife: Editora Universitária, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Pernambuco imortal: a forte presença holandesa**. v.2. Recife: Jornal do Commercio, 1995.

ARAÚJO, Iuri Cesário. **Parque histórico nacional dos Guararapes: contribuições para a (re)produção do espaço e da memória**. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural. IPHAN. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/2114>. Acesso em: 18 nov. 2020.

ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE. **Santuário Nossa Senhora dos Prazeres – Montes Guararapes**. [2022]. Disponível em:

<https://www.arquidioceseolindarecife.org/nossa-senhora-dos-prazeres/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas** -introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis, Vozes. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 25.175, de 3 de julho de 1948a**. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-25175-3-julho-1948-454378-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 14 abr. 2022.

BRASIL. **Lei n. 12.701**, de 6 de agosto de 2012 inscreve os nomes de Francisco Barreto de Menezes, João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Antônio Filipe Camarão e Antônio Dias Cardoso no Livro dos Heróis da Pátria.

CALABRE, Lia. Educação patrimonial: algumas diretrizes conceituais. *In*: PINHEIRO, Adson. **Cadernos de educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, v.1, 2015.

CASTRO, Bernardino F. F. Abreu. **Nossa Senhora dos Guararapes**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

CAVALCANTI, Sylvia Tigre de Hollanda; SALIM; Alex. **O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco: Séculos XVII e XVIII**. São Paulo: Metalivros, 2006.

CHUVA, Maria. História e patrimônio: entre o risco e o traço, a trama. **Revista e Patrimônio Histórico Artístico Nacional**. n. 34, 2012.

CONDEPE/FIDEM - Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco -

**Pernambuco em mapas**. Recife, 2011. Disponível em:

<http://www.condepefidem.pe.gov.br/html/PERNAMBUCO%20EM%20MAPAS.pdf> Acesso em 12 jan. 2023.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. **Festim barroco**. Ensaio de cultura análise da festa de Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes/PE. São Luis/MA: EDUFMA, 2009.

ELIADE, MIRCEA. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EQUIPE editorial de Conceito.de. Conceito de catálogo. *In*: Conceito.de. [S.I] , 13 set. 2019. Disponível em: <https://conceito.de/catalogo>. Acesso em: 20 dez. 2022.

FARIA, João André de Araújo. **A Restauração Prodigiosa de Portugal**. 1640-1668 / Dissertação (Mestrado em História ). Seropédica-RJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://tede.ufrjr.br/jspui/handle/jspui/3958>. Acesso em 21 jan 2023

FUNARI, P. P. A; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2009.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional: 1991.

GINZBURG, Carlo: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUERRA, Flávio. **Velhas igrejas e subúrbios históricos**. 2. ed. Recife: Fundação Guararapes, 1970.

HENRIQUES, Paulo. **Museu nacional do azulejo**. Roteiro. 2. ed. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2005.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.

IBGE. **Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres nos Montes Guararapes**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445311&view=detalhes>. Acesso em 12 jan. 2023.

IGREJA de Nossa Senhora dos Prazeres Dos Montes Guararapes – Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. *In*: SANCTUÁRIA art, [S.I.], 2015. Disponível em: <https://sanctuararia.art/2015/10/12/igreja-de-nossa-senhora-dos-prazeres-dos-montes-guararapes-pe/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

IPHAN. **Bens Móveis e Imóveis Inscritos nos Livros de Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília: IPHAN, 1994.

IPHAN. **Inventário geral da igreja Nossa Senhora dos Prazeres de Jaboatão dos Guararapes/PE**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário nº 7, exemplar nº 2, 1986.

IPHAN. Jaboatão. Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. *In*: **Rotas do patrimônio** - uma viagem através da história, Brasília, 2015. Disponível em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/1\\_rota\\_patrimonio\\_nossa\\_sra\\_prazeres\\_jaboatao\\_pe.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/1_rota_patrimonio_nossa_sra_prazeres_jaboatao_pe.pdf). Acesso em 15 jul. 2022.

IPHAN. **Plano de Preservação do Parque Histórico Nacional dos Guararapes**. Jaboatão dos Guararapes. Brasília: IPHAN, 2005.

LAPA, José Roberto Amaral. **Historiografia brasileira contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1981.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas. Editora da Unicamp. 2013.

LIMA, Guilherme Cunha. **Testamento do general Francisco Barreto de Meneses**. Parque Histórico Nacional dos Guararapes. Recife: IPHAN/MEC, 1976.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641-1669**. São Paulo, Cia das Letras, 2011.

MELLO, Evaldo Cabral de. Os holandeses no Brasil. *In*: HERKENHOFF, Paulo (org.) **O Brasil e os holandeses (1630-1654)**. Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda, 1999. p. 20-41.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Uma relação dos engenhos de Pernambuco em 1655**. RIAP, Vol. XLVIII, 1976.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. Companhia das Índias Ocidentais. *In*: HERKENHOFF, Paulo (org.) **O Brasil e os holandeses (1630-1654)**. Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda, 1999. p. 42-63.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Prefácio**. *In*: CASTRO, Bernardino F. F. Abreu. **Nossa Senhora dos Guararapes**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980.

- MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Tempo dos Flamengos**: Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte do Brasil. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978
- MENEZES, José Luiz Mota. Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres – Guararapes. **Cadernos e Cultura**. Recife, nº. 1. Escola Técnica Federal de Pernambuco, 1973.
- MONTENEGRO, Gisela Amado de Albuquerque. **A gestão do parque histórico nacional dos Guararapes**: análise e proposições. Dissertação (Mestrado. em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste), Recife: UFPE, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11772>. Acesso em: 12 nov. 2021.
- NORA, Pierre. **Lugares de memória** (Les lieux de mémoire), Paris: Quarto Gallimard, 1997. v.1-3.
- O Cruzeiro. **Parque Nacional dos Guararapes**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20197&pesq=festa%20da%20pitomba&pagfis=180763>. Acesso em: 02 jan. 2023.
- PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 115-140, 2006.
- PREFEITURA DE JABOATÃO DOS GUARARAPES. **Conheça nossa rica história**. Disponível em: <https://jaboatao.pe.gov.br/jaboatao-dos-guararapes/>. Acesso em 12 jan. 2023.
- PUNTONI, Pedro. **A mísera sorte**: a escravidão africana no Brasil holandês e as guerras no Atlântico Sul. São Paulo: Hucitec, 1999.
- REZENDE, Antonio Paulo. **O Recife**: Histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2005.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Europa-América, 1981.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SETTE, Mário. **Terra Pernambucana**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.
- SILVA, Leonardo Dantas **Holandeses em Pernambuco (1630-1654)**. Recife: Edição do autor, 2005.
- SILVA, Leonardo Dantas. **Pernambuco preservado**: histórico dos bens tombados no Estado de Pernambuco. 2. ed. Recife: Edição do autor, 2008.
- SILVA, Sérgio Villarim Alves da. Patrimônio cultural: Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres – Jaboatão Dos Guararapes - Pernambuco. **31º Simpósio Nacional de História**. Rio de Janeiro, 2021.
- SODRÉ, Nelson W. **Formação Histórica do Brasil**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- SOUZA JÚNIOR, Antônio de. Do Recôncavo aos Guararapes. Rio de Janeiro, 1949. *In*: SILVA, Leonardo Dantas **Holandeses em Pernambuco (1630-1654)**. Recife: Edição do autor, 2005.

- TELLES, Augusto Carlos da Silva. **Atlas dos Monumentos Históricos e Artísticos do Brasil**. Brasília, IPHAN: 2008. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColObrRef\\_AtlasMonumentosHistoricosArtisticosBrasil.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColObrRef_AtlasMonumentosHistoricosArtisticosBrasil.pdf). Acesso em: 11 nov. 2022.
- VAINFAS, Ronaldo. Guerra declarada e paz fingida na Restauração Portuguesa. In: **Tempo**. V. 14, n. 27, 2009. p. 82-100 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/HKh93WFmqCWYSg6qBMtssFj/?format=pdf&lang=pt>
- VAINFAS, Ronaldo. **Jerusalém colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.
- VARNHAGEM, Francisco Adolfo de. **História das lutas contra os holandeses no Brasil**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2002.
- VAYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história** - Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da UNB, 1998. 285.

## 8 - APÊNDICE

Figura 49-Batalha dos Guararapes

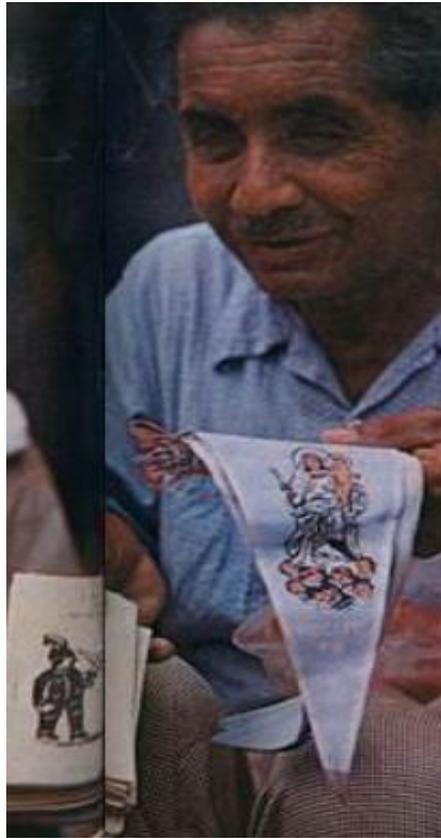


Fonte: Victor Meirelles, 1879. Acervo do Museu Nacional de Belas Artes (Brasil).

No quadro “A Batalha dos Guararapes”, o pintor une rigores da forma como o estudo *in loco* do terreno, além de observar as vestimentas da época. Buscou-se monumentalizar o evento, sobretudo ao destacar Vidal de Negreiros empunhando a espada com seu majestoso cavalo configurando uma espécie de estátua equestre. À figura central de Negreiros, soma-se à retaguarda os brasileiros Henrique Dias com um escudo, João Fernandes Vieira com espada em riste e Felipe Camarão, altivo, em outra margem, elegantes, mas destroçados, agentes da coroa holandesa.

Ao esforço de Victor Meirelles e de artistas pernambucanos, ao longo dos séculos, foi-se gerando uma série de repositórios de narrativas reforçando o local das batalhas de 1648/49, como um local não só importante belicamente, mas também místico quando somado à Imagem de Nossa Senhora, o que atrai populares para auxiliar na permanência do imaginário como na figura 50, em que um senhor segura em uma das mãos um folheto de cordel e na outra, uma flâmula de Nossa Senhora.

Figura 50- Devoto



Fonte: O Cruzeiro, 19/05/1971, p. 119.

Figura 51– Retrato de Francisco Barreto

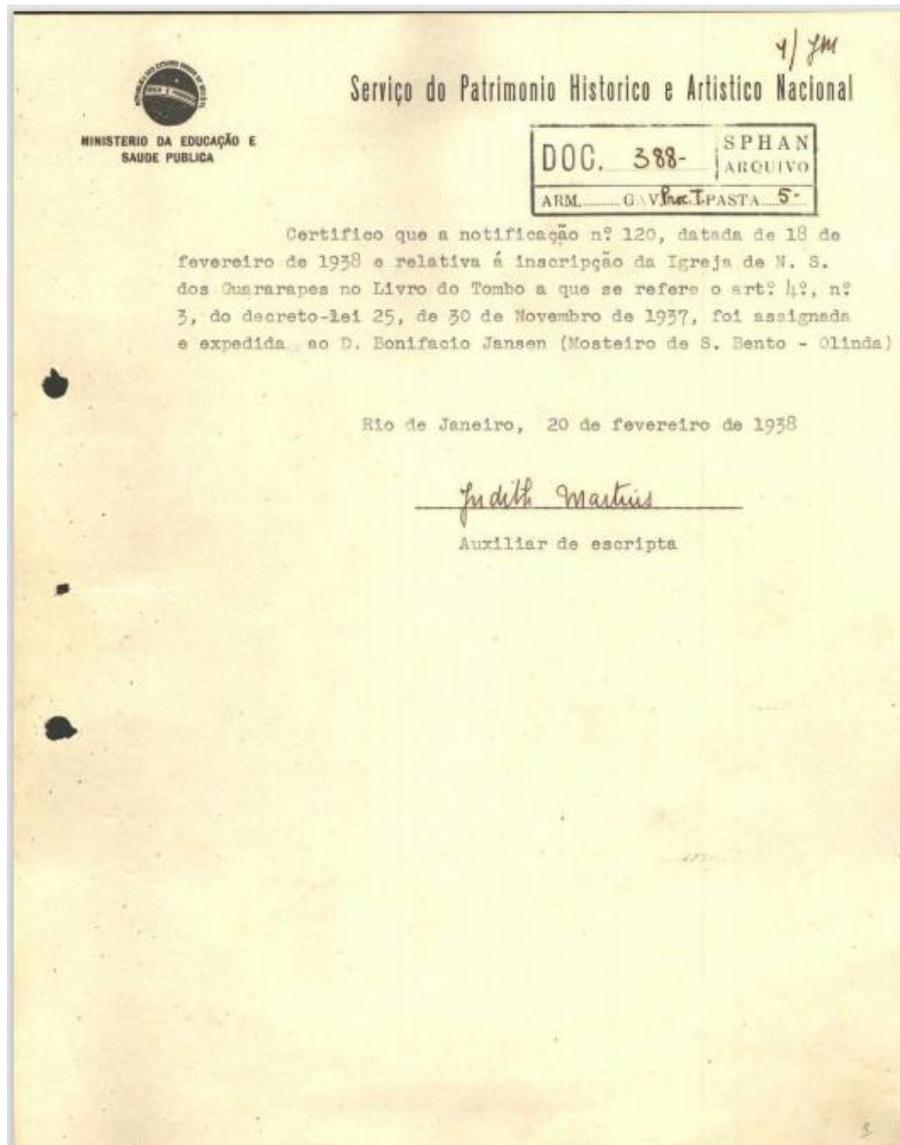


Fonte: Autor desconhecido. Acervo da Gallerie degli Uffizzi, Florença (Itália).

Talvez devido à vinculação com as etnias, Negreiros, Vieira, Dias e Camarão tenham se tornados mais populares, contudo, achamos importante trazer a o retrato de Barreto de Menezes, visto que ele foi o idealizador da Capela, alvo de nossos estudos. Capela, que como já

destacamos durante o relatório, foi reconhecida pelo governo na década de 1938, como monumento histórico, conforme a figura 52.

Figura 52– Livro de Tombo do SPHAN



Fonte: IPHAN, 2014.

Reiteramos que, para que esse momento de tombamento chegasse a acontecer, houve uma série de reformas feitas pelos monges beneditinos, cujos detalhes o Historiador Flávio Guerra (1970) destaca, trazendo alguns pormenores, que merecem maior investigação em trabalhos futuros:

- De 1736 a 1748, dirigiu o Santuário de Nossa Senhora dos Prazeres o Frei Pedro de Jesus Maria, tendo ali falecido em 5 de maio desse último ano. O frei renovou todo o madeiramento da capela-mor da Igreja, estendendo mais a sacristia e lhe assentou os caixões e o altar principal que hoje existe e os quadros-painéis grandes e os outros pequenos. A imagem de Sant'Ana, com seu resplendor de prata e a coroa das Senhoras, foram obras do seu tempo. Os grandes painéis representando o nascimento de Jesus, a circuncisão, a adoração dos reis magos e a natividade de Nossa Senhora, admitem alguns beneditinos, que tenham sido pintados pelo monge Frei Estevão de Loreto Joassar, um pintor francês de muita fama, que esteve no mosteiro de Olinda entre 1742 e 1745, ano este em que faleceu;
- Em 1755, o arquiteto Frei Macário de São João levantou uma planta para proceder uma nova reforma, e chegou a iniciar as obras da fachada da igreja, com seus três arcos de pórtico e as bases das duas torres laterais, o que foi interrompido em 1759, devido à perseguição do Marquês de Pombal aos religiosos da Companhia de Jesus, retornando em 1782, constituindo-se em reformas últimas e definitivas, cabendo o esforço ao engenheiro Francisco Nunes Soares, que dirigiu as próprias obras, que ressurgiram com harmoniosos desenhos por cima de arcos e socos de caráter pós-renascentista;
- O mestre pedreiro Inácio Pereira, o oficial carpina José Borges e o destro-oficial-canteiro José Luiz foram, sob sua orientação, os principais artifices desta obra definitiva. O último, com apenas poucos serventes, durante quase dez anos lavrou toda a pedra que ainda hoje existe na fachada, compreendendo a placa comemorativa, datada de 1782, a cantaria dos cunhais, a moldura das janelas, a tarja do frontão, os balaústres das sacadas e os coruchéus das torres. De Portugal, somente vieram para compor a fachada, em agosto de 1790, 13.358 azulejos brancos, acondicionados em 46 caixões, custando duzentos mil reis.